



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEUC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE**

ZÉLIA CRISTINA PEDROSA DO NASCIMENTO

**CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA
EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR**

**MOSSORÓ/RN
2018**

ZÉLIA CRISTINA PEDROSA DO NASCIMENTO

**CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA
EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito para obtenção do título de mestre na Linha de Pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente.

Orientadora: Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do Nascimento.

**MOSSORÓ/RN
2018**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

N244c NASCIMENTO, ZÉLIA CRISTINA PEDROSA DO
CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM
SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE
EDUCAÇÃO POPULAR. / ZÉLIA CRISTINA PEDROSA
DO NASCIMENTO. - Mossoró, 2018.
100p.

Orientador(a): Profa. Dra. Hostina Maria Ferreira do Nascimento.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Educação Popular. 2. Leitura Popular da Bíblia. I. Nascimento, Hostina Maria Ferreira do. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

ZÉLIA CRISTINA PEDROSA DO NASCIMENTO

**CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UM
EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito para obtenção do título de mestre na Linha de Pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente.

Orientadora: Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do Nascimento.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Hostina Maria Ferreira do Nascimento
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FE/UERN
(Orientadora)

Profª. Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FE/UERN
(Examinadora interna)

Profª. Dra. Ady Canário de Souza Estevão
Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFRSA/LEDOC
(Examinadora externa)

Profª. Dra. Elza Helena da Silva Costa Barbosa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FE/UERN
(Examinador interno suplente)

Profª. Dra. Maria Aparecida da Silva Fernandes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Parnamirim
(Examinadora externa suplente)

GRACIAS A LA VIDA QUE ME HÁ DADO TANTO

Gosto mais do termo *gracias* do que o obrigado que dizemos em português, pois aquele retrata melhor a gratuidade que existe nas coisas importantes da vida. As experiências que passamos, e com as quais nos identificamos, nos deixam marcas, nos formam e nos impulsionam a seguir. Então *muchas gracias*:

- Ao mistério da vida, ao transcendente que está na sua origem e lhe dá sentido e aos caminhos que me trouxeram até aqui;
- A minha companheira Sônia Araújo, pela parceria cuidado e pelo coração generoso e acolhedor. Sua capacidade de juntar gente e fazer amigos brotam da atitude de se importar mais com os outros do que com ela mesma. O zelo com os mínimos detalhes é próprio de quem tem a alma artesã;
- A minha família origem não apenas de meu material genético, mas de meu material humano. Dela trago valores e costumes, o hábito da leitura e onde aprendi a conviver, e a teimar;
- A minha orientadora Hostina Nascimento por ter aceitado o desafio de me guiar no processo da pesquisa. Gracias pela paciência e pela capacidade pedagógica de perceber e respeitar os tempos e os limites de cada um. Espero que este seja apenas o início do nosso relacionamento;
- Aos amigos e amigos, família do coração, que tornam a vida mais rica e colorida;
- A todos os que fazem a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Faculdade de Educação e Programa de Graduação, professores, alunos, funcionários, colegas de mestrado e também aos grupos LeFreire, Gepel e PET. Uma universidade de relações educativas que favorecem nosso crescimento.
- As professoras que aceitaram participar desta banca, pela disponibilidade;
- Ao Centro de Estudos Bíblicos, aos movimentos populares e pastorais onde sempre militei, partilhando ideais e esperanças e construindo laços de amizade;

As palavras são pequenas e pobres diante do tamanho da gratidão, mas pior é não dizê-las.

Gracias por tudo, até mesmo pelas falhas e dificuldades.

Que eu possa sempre estar aberta a novos saberes e sabores, na caminhada da libertação

Os profetas não são homens ou mulheres
desarrumados, desengonçados, barbudos,
cabeludos, sujos, metidos em roupas
andrajosas e pegando cajados.

Os profetas são aqueles ou aquelas que
se molham de tal forma nas águas da sua
cultura e da sua história, da cultura e da história,
da cultura e da história de seu povo,

dos dominados do seu povo,
que conhecem o seu aqui e o seu agora e,
por isso, podem prever o amanhã
que eles mais do que adivinham, realizam...

Eu diria aos educadores e educadoras,
ai daqueles e daquelas que pararem com a
sua capacidade de sonhar, de inventar a sua
coragem de denunciar e de anunciar.

Ai daqueles e daquelas que, em lugar de
visitar de vez em quando o amanhã, o futuro,
pelo profundo engajamento com o hoje,
com o aqui e com o agora, se atrelem a um
passado de exploração e de rotina.

Paulo Freire. In: Brandão, C. R. (Org.).
Educação: vida e morte.

RESUMO

O lugar da educação é onde ocorre a partilha dos saberes, o respeito ao outro e o crescimento coletivo mediatizados pela realidade. Fora da escola e da academia, existe ação pedagógica em movimentos populares, associações, pastorais e coletivos que vivem a Educação Popular. A partir dessa compreensão e da minha pertença e atuação no Centro de Estudos Bíblicos (Cebi), me propus a refletir sobre os elementos da Educação Popular presentes nessa instituição, olhando-a a partir do grupo do Cebi da cidade de Severiano Melo, que existe e persiste há vinte anos, buscando compreender as motivações que levaram ao seu surgimento e manutenção e como essa experiência influenciou o crescimento pessoal e a atuação social de seus integrantes. O referencial teórico que iluminou o olhar para essa realidade conta principalmente com as ideias de Paulo Freire e de Carlos Mesters, fundador do Cebi, somados a outros autores que discutem Educação Popular e Leitura Popular da Bíblia. A sistematização da experiência nos permite concluir que o engajamento em um processo coletivo passa por uma decisão consciente, mas também inconsciente. A metodologia de olhar a realidade e questionar sua própria vida inspirada pela leitura da Bíblia acorda nas pessoas um espírito crítico. Esse despertar influencia as escolhas pessoais, profissionais e políticas. Descobrimos que a dialogicidade, a criatividade e a autonomia que caracterizam a Educação Popular estão presentes na atuação do grupo e devem ser estimuladas e usadas em toda prática educativa transformadora que vise à humanização das pessoas e do mundo por elas construído.

Palavras-chave: Educação Popular. Leitura Popular da Bíblia.

ABSTRACT

The place of education is where the sharing of knowledge, the respect for the others and the collective knowledge mediated by reality occurs. Outside of the school and the Academy the pedagogical action in popular movements, associations, pastoral and collective living is Popular Education. From this understanding and my presence and performance at the Center for Biblical Studies (CEBI), I set out to reflect on the elements of popular education present at this institution, looking at it from the CEBI group of the city of Severiano Melo that exists and persists for twenty years, seeking to understand the motivations that led to its emergence and maintenance and how this experience influenced the personal growth and social performance of its members. The theoretical reference that illuminated the look for this reality counts mainly on the ideas of Paulo Freire and Carlos Mesters, Founder of the Center for Biblical Studies, added to other authors who discuss popular education and the popular reading of the Bible. The systematization of experience allows us to conclude that engagement in a collective process goes through a conscious decision but also moves the unconscious; the methodology of looking at reality and questioning his own life inspired by the reading of the Bible awakens in people a critical spirit. This awakening influences personal, professional, and political choices. We have discovered that the dialogue, creativity and autonomy that characterize popular education are present in the work of the group and should be stimulated and used in all transformative educational practices aimed at the humanization of the people and the world they have built.

Keywords: Popular Education. Popular Reading of the Bible.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Ilustração mostrando as origens comuns e ligações entre Educação Popular, Pastorais e Movimentos Sociais e a Leitura Popular da Bíblia	20
Figura 2: Organograma da problematização da realidade como fundamentação teórica e metodológica na pesquisa em Educação.....	
Figura 3: Etapas do processo.....	27
Figura 4: Estudo da realidade.....	28
Figura 5: Convite.....	30
Figura 6: Organização do conhecimento.....	33
Figura 7: Aplicação do conhecimento.....	34
Figura 8: Metodologia: problematização da realidade (Paulo Freire).....	35
Figura 9: Triângulo Hermenêutico.....	46

SUMÁRIO

Apresentação	11
Introdução – Nossos pais nos contaram ... e nossas mães também	13
Capítulo 1 – Percurso metodológico: O caminho por onde caminhamos	22
Capítulo 2 – Origens e identidade: em nome do primeiro amor	37
Capítulo 3 – Caminhos e aprendizagens: por trás das palavras	43
Capítulo 4 – Ações e reações: como água que penetra lenta e profundamente na terra	55
Considerações que não são finais – Raízes e Asas	68
Referências	74
Anexos	

APRESENTAÇÃO

Desde o momento em que ingressei no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional do Rio Grande do Norte – Poseduc, inicialmente cursando disciplinas como aluna especial e em 2016 de forma regular, buscava mais que um título acadêmico.

Embora minha atividade profissional não seja relacionada com a educação, participo dos movimentos sociais desde os idos de 1986, tendo como porta de entrada as comunidades eclesiais de base e o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, no espírito da Teologia da Libertação. Essa militância contribuiu para meu crescimento intelectual e pessoal, permitindo maior aproveitamento nos cursos formais que fiz e maior inserção na comunidade.

Os movimentos pastorais têm um processo de formação permanente próprio e profundo, mas padece de reconhecimento oficial e de diálogo com outras forças sociais. Entendia que a interação entre as pastorais sociais, especialmente nos grupos de Leitura Popular da Bíblia, e o conhecimento acadêmico pode levar a uma iluminação e questionamentos mútuos de nossas atuações.

Desta forma, entrei na academia pela janela dos movimentos sociais e pastorais sociais, e não pela porta da educação formal. Em termos profissionais, não atuo diretamente com a educação, mas apenas de forma reflexa dentro do que permitem as relações cotidianas. Sou educadora, principalmente pelos 32 anos de atuação no Centro de Estudos Bíblicos (Cebi) e pela participação em coletivos como o que constrói o Grito dos Excluídos em Mossoró. Essas atividades são fixas, mas ao longo do tempo surgiram vários outros momentos e espaços de interação e formação sejam em programas internos do Cebi e dos movimentos sociais ou na especialização em assessoria bíblica cursada na Escola Superior de Teologia dos Luteranos em São Leopoldo.

Para melhor compreender os fundamentos epistemológicos da Educação Popular, busquei perceber como eles ocorriam na experiência concreta do Cebi de Severiano Melo, a partir da visão das quatro mulheres que desde a sua juventude criaram e coordenaram as atividades realizadas ao longo destes 20 anos.

Para ajudar na reflexão, fiz um diálogo entre as ideias e perspectivas de Paulo Freire e Carlos Mesters, destacando as influências e relações entre eles. É a referência principal, mas outros autores, listados na bibliografia, também participaram dessa roda de conversa, que está apenas começando.

Na pesquisa, utilizei do instrumento metodológico da problematização da realidade como fundamentação teórica e metodológica da pesquisa em educação de inspiração freireana.

Essa metodologia não está pronta e acabada, mas em constante processo de crescimento e aprimoramento. A orientadora deu o norte e a segurança, além de provocar e confiar.

Na organização das partes que compõem o texto, os subtítulos dão o mote do conteúdo. Esses subtítulos são inspirados em nomes de publicações do Cebi ou em reflexões feitas por seus fundadores e teóricos. Assim, lembro na introdução o que nos contaram nossos pais e nossas mães¹ sobre o contexto de surgimento do Cebi e da Educação Popular e as influências recebidas.

No capítulo 1 destaco o percurso metodológico como um “caminho por onde caminhamos”² pois ele foi dinâmico e contou com momentos de estudo e reflexão pessoal, pesquisa de campo, partilha e interação com diversos grupos acadêmicos e populares com quem partilhei as descobertas e preocupação.

“Em nome do primeiro amor”³, subtítulo dado ao capítulo 2, reflete sobre a origem e a identidade do grupo do Cebi de Severiano Melo, pois as motivações sempre passam pelo emocional.

Para rastrear os caminhos e aprendizados que os participantes da pesquisa desvelaram em suas falas, precisamos atentar para o que está escondido “Por trás das palavras”⁴, estes caminhos são especificados no capítulo 3.

Na discussão sobre quais as ações e reações provocadas pela atuação do Cebi na cidade de Severiano Melo, contemplada no capítulo 4, percebemos que os resultados não são obtidos de forma mágica ou de repente. A proposta do Cebi vai agindo aos poucos nas pessoas “como água que penetra lenta e profundamente na terra”⁵, mais demorado, mas mais duradouro.

“Raízes e asas”⁶. As considerações finais são assim intituladas em homenagem as duas dimensões percebidas. O forte sentimento de pertença e a gratidão pelas raízes que o Cebi ajudou a sustentar e a necessidade de arriscar-se em novas experiências.

¹ Expressão inspirada no livro *Nossos Pais nos Contaram*, de Marcelo Barros.

² Título do número 222 da série *A Palavra na Vida*, de autoria de Carlos Mesters e Francisco Orofino, de 2006.

³ Feliz expressão de irmã Agostinha na comemoração dos 25 anos do Cebi Nacional.

⁴ Título de uma obra de Carlos Mesters.

⁵ Expressão usada por Sebastião Armando Gameleira Soares ao refletir sobre o Cebi.

⁶ Título de uma publicação do Cebi que reflete sobre a relação entre Educação Popular e Leitura Popular da Bíblia, especificada nas referências bibliográficas.

INTRODUÇÃO – NOSSOS PAIS NOS CONTARAM ... E NOSSAS MÃES TAMBÉM

A pesquisa em educação, pelas suas características, não se vale apenas dos métodos científicos cartesianos, mas utiliza, embora não exclusivamente, as abordagens qualitativas. Isso porque envolve diversos aspectos interligados e a relação entre eles, pois aborda a complexidade do humano.

Isso se torna evidente no tema estudado nesta dissertação, na qual nos propomos a estudar o processo de educação popular vivido nos encontros de formação do Centro de Estudos Bíblicos - Cebi e como estes favorecem o desenvolvimento individual dos sujeitos envolvidos e a sua ação social. Enfocamos ainda as relações desse processo com a Educação Popular na perspectiva de Paulo Freire.

A dissertação retrata esse caminho feito em parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Linguagens – GEPEL e com o Grupo de Extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular – LEFREIRE, ambos da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Destaco as relações íntimas entre Educação Popular, Teologia da Libertação e a Leitura Popular da Bíblia proposta pelo Cebi, nascidas de uma experiência de trabalho com o povo e animadas pela mesma mística libertadora.

O exame não é abstrato ou puramente conceitual, mas parte da experiência do grupo de assessoras do Cebi na cidade de Severiano Melo, que há mais de vinte anos se mantém vivo e atuante nesse pedaço do sertão nordestino, tendo à frente uma equipe coordenada por quatro mulheres. A aproximação com o grupo do Cebi estudado tomou a ideia de Círculo de Cultura, conforme pensada por Paulo Freire, como uma possibilidade de problematização da realidade, organização do conhecimento e aplicação do novo emergente com a síntese do aprendido,

Procuramos contemplar as razões de sua pertença e identificação com o Cebi, as transformações e evoluções que essa vivência provocou na vida pessoal e no meio social em que estão inseridas.

Como o conceito Educação Popular é polissêmico e são diversas as modalidades de sua atuação e compreensão, e considerando que o Cebi não é conhecido nos meios acadêmicos, com exceção das faculdades de Teologia, para compreender o tema há necessidade de esclarecer a nossa visão dessas realidades e demonstrar as afinidades existentes desde o seu surgimento, nos anos 60, a partir de uma aproximação e identificação com as classes populares que começavam a emergir para uma atuação social na realidade.

É certo que a Educação Popular já existia no Brasil antes da década de 60. Carlos Rodrigues Brandão⁷ defende que nas sociedades primitivas os saberes eram compartilhados entre os integrantes do grupo sejam durante as rotinas de trabalho ou durante os ritos. As novas gerações aprendiam quem eram. A prática pedagógica estava imersa nas atividades sociais. Para ele, essa foi a primeira educação popular.

A sedentarização e o surgimento de agrupamentos maiores fez surgir a especialização de funções e os saberes restritos a grupos tais como curandeiros, artesãos, de administração e defesa. Posteriormente, o desenvolvimento da escrita e o saber científico geraram também o profissional especializado na educação. Assim o caminho do conhecimento nas civilizações humanas, ao contrário do que muitos pensam, partiu do popular para o erudito.

Na sociedade dividida em classes, o saber especializado ficou restrito a uma elite com acesso à educação escolar. O povo partilhava apenas os saberes oriundos de sua prática social ou de determinados ofícios que capacitavam para o exercício de uma “profissão” das atividades profissionais ou artesanais.

No Brasil Colônia, com a sociedade fechada, isolada e totalmente dependente da corte portuguesa, essa realidade era mais exacerbada e as possibilidades de educação muito limitadas. Na obra “Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora”, escrita em parceria com Raiane Assumpção, Carlos Brandão descreve assim a educação existente no Brasil Colônia:

Com exceções, o trabalho pedagógico escolar dirigido a índios, negros e brancos pobres foi restrito e provisório durante todo o período colonial. Com o tempo, um primeiro “sistema escolar” tomou no Brasil a forma usual da educação na sociedade colonizada: algumas missões com escolas para alguns grupos indígenas; algumas raras escolas de ordens religiosas dirigidas predominantemente a filhos e filhas de senhores da Coroa e homens ricos da cidade ou do campo; uma rede espontânea de pequenas escolas de primeiras letras, exercidas por professores leigos, muitos deles pouco mais do que “alfabetizados”, como costuma acontecer até hoje no interior do país. Mais tarde, raros centros “reais” de ensino profissionalizante, ao lado de conventos, mosteiros e seminários, foram durante muito tempo os únicos lugares de uma educação escolarizada acima da “elementar”.

Fora do domínio da educação escolar, havia a trama das muitas situações e práticas corporativas ou comunitárias, em que outros saberes se difundiam. Pequenas oficinas de trabalho urbano formavam, durante a prática do trabalho-ensino, futuros *artesãos* e *oficiais*, futuros *mestres* que ensinariam outros aprendizes a serem ourives, seleiros, ferreiros, marceneiros, serralheiros, pedreiros, pintores ou músicos (BRANDÃO, 2009, p. 13-14).

⁷ De acordo com a sua obra: O que é Educação Popular?

Sobre o mesmo período, Vanilda Paiva afirma, de forma sintética, que “A educação popular colonial é praticamente inexistente” (PAIVA, 2015, 63).

A situação só começa a mudar a partir de 1870 com uma incipiente industrialização do império, gerando os movimentos de entusiasmo pela educação e otimismo pedagógico. O primeiro pugnava pela extensão dos serviços da escola para diversas categorias e sujeitos dos setores populares, ante a necessidade dele ter conhecimentos técnicos para atuar na indústria. O segundo acreditava que a ausência de escolas e o analfabetismo da maioria da população eram responsáveis pelo atraso do país. A educação resolveria tudo.

Temos aqui mais um conceito de educação popular, entendida como:

A educação oferecida a toda a população, aberta a todas as camadas da sociedade. Para tanto, ela deve ser gratuita e universal. Outra concepção da educação popular seria aquela da educação destinada às chamadas “camadas populares” da sociedade: a instrução elementar, quando possível, e o ensino técnico profissional, tradicionalmente considerado, entre nós, como ensino “para desvalidos” (PAIVA, 2015, p. 56).

No Brasil, a escola laica, pública e universal só começou no início do século XX, devido a diversos fatores, dentre eles, a luta de políticos e educadores, a imigração europeia e os interesses do empresariado industrial. Mas essa expansão era pensada abstraída da realidade social.

A mesma Vanilda Paiva, na obra já citada, se pronuncia sobre o tema afirmando que eles tinham como principal característica “a desvinculação entre o pensamento pedagógico no Brasil e a reflexão sobre o social, traço que até a década de 60 dominou de forma quase absoluta os nossos meios pedagógicos, e que ainda hoje pode ser encontrada nos meios educacionais brasileiros” (PAIVA, 2015, p. 41).

No final dos anos 50 e início dos anos 60, diversos fatores da conjuntura nacional e da América Latina possibilitaram a emersão das camadas populares e a ruptura com experiências anteriores, levando ao surgimento de uma nova concepção de educação popular que valorizou a cultura e a fala das massas excluídas dos benefícios da modernidade.

Usando um termo cunhado por Germano Coelho⁸, havia também um grande “universo de ideias” e experiências de questionamento do capitalismo que vicejaram no Brasil, contagiando estudantes e intelectuais. Germano Coelho cita, por exemplo, Jacques Maritan,

⁸ Presidente do Movimento de Cultura Popular (1961-1964), relatou as origens do Movimento de Cultura Popular no Recife no texto “Paulo Freire e o Movimento de Cultura Popular”, que integra o livro Paulo Freire: Educação e Transformação Social, publicado pela Editora Universitária do UFPE.

Emmanuel Mounier, Franz Fanon e Celso Furtado, sem esquecer a reflexão de Marx e a tensão entre o ocidente e a União Soviética.

Era a época do nacionalismo desenvolvimentista, que prometia o progresso com remédio para os males nacionais. Retrata muito bem esse clima o célebre lema de Juscelino Kubitschek “cinquenta anos em cinco”. No seu governo acontece, em julho de 1958, o II Congresso Nacional de Educação de Jovens e Adultos, com delegações de todo o país. Paulo Freire integra a representação de Pernambuco. Surgem novas lideranças que passam a contestar as elites tradicionais agrárias, gerando rupturas no sistema. No Nordeste, de modo particular, essas novas lideranças ameaçam a hegemonia dos coronéis.

Germano Coelho defende que o método Paulo Freire nasceu no Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife, criado em 1960, na gestão do Prefeito Miguel Arraes, originalmente como um plano de extensão da formação escolar para crianças e adolescentes carentes da cidade. Paulo Freire foi um dos fundadores do MCP.

Nesse trecho, Germano expõe sua versão a partir da experiência que ele mesmo vive e invoca a autoridade de Moacir Gadotti.

José Mariano Carneiro da Cunha foi um dos líderes da campanha da abolição da escravatura. De Casa Forte, do Poço da Panela, ele assegurava a fuga dos escravos pelo rio Capibaribe. Na sua casa, o MCP fundou o Centro de Cultura Dona Olegarilha, em cujo “círculo de cultura” nasceu o método Paulo Freire. Por isso, Moacir Gadotti, na grande obra coletiva “Paulo Freire, uma biobibliografia”, diz textualmente: “O método de alfabetização de Paulo Freire nasceu no interior do MCP - Movimento de Cultura Popular - do Recife, que, no início da década de 60, criara os chamados círculos de cultura. Segundo o próprio Paulo Freire, os círculos de cultura não tinham uma programação feita a priori. A programação vinha de uma consulta aos grupos que estabeleciam os temas a serem debatidos. Cabia aos educadores tratar a temática que o grupo propunha. Mas era possível acrescentar à sugestão deles o que, na “Pedagogia do oprimido”, Paulo Freire chamava temas de dobradiça, assuntos que se inseriam como fundamentais no corpo inteiro da temática, para melhor esclarecer ou iluminar a temática sugerida pelo grupo popular.” Gadotti acrescenta: “os resultados obtidos nesse trabalho com grupos populares no MCP levaram Paulo Freire a propor a mesma metodologia para a alfabetização. Se é possível fazer isso, alcançar esse nível de discussão com grupos populares, independentemente de eles serem ou não alfabetizados, por que não fazer o mesmo numa experiência de alfabetização? Perguntava-se Paulo Freire. Por que não engajar criticamente os alfabetizados na montagem de seu sistema de sinais gráficos enquanto sujeitos dessa montagem e não enquanto objetos dela?” (COELHO, 2002).

Em 1962, Paulo Freire cria o Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife, com o objetivo de fomentar a educação e a cultura popular e promover políticas de

extensão universitária. Seguem-se as experiências de educação de adultos em Angicos e de educação de adultos em Natal, ambas no Rio Grande do Norte. Na Paraíba, no ano de 1963, a Campanha de Educação Popular também trabalha com o chamado “Método Paulo Freire”. Os líderes da campanha foram orientados pela SEC.

Com os sucessos dessas iniciativas e a eleição de Miguel Arraes para o governo de Pernambuco e de João Goulart na presidência da República, o sistema de alfabetização de adultos através dos Círculos de Cultura foi estendido a todo o país. Na introdução do livro “Educação como prática para a liberdade”, Francisco Weffort resgata o alcance dessa proposta.

Assim, entre junho de 1963 e março de 1964, desenvolveram-se cursos de capacitação de coordenadores em quase todas as capitais dos estados (somente no estado da Guanabara, inscreveram-se quase 6.000 pessoas; houve também cursos nos estados do Rio Grande do Norte, São Paulo, Bahia, Sergipe e Rio Grande do Sul, atingindo vários milhares de pessoas). O plano de 1964 previa a instalação de 20.000 círculos que já se encontravam capacitados para atender, durante este ano, a aproximadamente 2 milhões de alfabetizados (30 por círculo, com duração de 3 meses cada curso. Tinha início, assim, uma campanha de alfabetização em escala nacional que envolvia, nas primeiras etapas, os setores urbanos, e deveria estender-se imediatamente depois aos setores rurais (WEFFORT, 1982, p. 11).

A história nos recorda que o golpe militar de 1964 destruiu toda essa proposta, entendendo-a como subversiva e comunista. Paulo Freire foi preso e interrogado pelo crime de ajudar o povo a dizer sua palavra. Certamente, o pensamento crítico estimulado nos círculos de cultura é perigoso, pois questiona a versão oficial dos fatos e ajuda na organização da classe trabalhadora.

O corte da prática da educação libertadora não significou o seu fim, mas a sua transformação. Estava plantada uma semente que germinou em diversos grupos. Um deles, talvez o mais importante e de maior abrangência, é o da chamada Igreja da Libertação, vivido nas Comunidades Eclesiais de Base e aprofundado pela Teologia da Libertação no Brasil e na América Latina.

Embora parte da hierarquia e da Igreja Católica tenha apoiado o golpe de estado e ido às ruas contra a “ameaça do comunismo” e as reformas de base, realizando a famosa “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, em 19 de março de 1964, na cidade de São Paulo, a resistência à ditadura e a propagação das ideias de libertação encontraram guarida no seio das Igrejas.

Ciente dessa tensão, Paulo Freire escreve, em 1971, “O Papel Educativo das Igrejas na América Latina”, que compõe os escritos reunidos nos livros “Ação Cultural para a Liberdade” e “Os Cristãos e a Libertação dos Oprimidos” (este publicado em Portugal em 1978), destacando a necessidade das igrejas optarem pela modernização, para serem o refúgio do povo, rompendo a cultura do silêncio ao assumir o papel profético que o tempo exigia, pois as igrejas não são entidades abstratas, mas instituições inseridas na história.

A eclosão da experiência progressista da tradição cristã não se dá de repente nos anos 60, mas tem seu fundamento em experiências já anteriores ao Concílio Vaticano II, com comunidades de padres e religiosos que deixam a segurança de suas paróquias e conventos para se inserir na vida do povo, seja residindo nas periferias, seja trabalhando em fábricas, seja participando de suas lutas.

Paulo Freire também bebeu dessa fonte. Chegou a participar da Ação Católica. Nas suas ideias, encontramos a influência de pensadores cristãos progressistas. As influências cristãs no pensamento de Paulo Freire são detalhadas por Danilo Streck no artigo “Paulo Freire: uma leitura a partir da Educação Cristã”⁹, enfocando os relatos autobiográficos de Freire sobre suas origens católicas e os motivos que o levaram a se afastar e retornar para a Igreja, sua participação na Ação Católica e a citação de autores cristãos como Tristão de Athayde.

No livro “Educação como Prática da Liberdade”, cita expressamente¹⁰ a encíclica *Mater et Magistra* do papa João XXIII¹¹, quando critica o assistencialismo. A professora Hostina Nascimento, na nota 32 da sua tese de mestrado, destaca:

Há uma linha de pensamento que aproxima os três momentos pedagógicos; a orientação católica de ver-julgar-agir, adotada no início do século passado pela Ação Católica e veiculada especialmente pelo Conselho Mundial das Igrejas; e o pensamento de Paulo Freire sobre a ação-reflexão-ação (NASCIMENTO, 2011).

Há uma colaboração entre a Educação Popular e a Teologia da Libertação, que nascem do mesmo chão e da mesma experiência. Destaco ainda que no ano de 1968 aconteceu a Conferência de Medellín, na qual a Igreja Católica da América Latina procura traduzir para sua

⁹ Publicado np v. 31, n. 3 (1991) da Revista Estudos Teológicos do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia dos Luteranos. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1009>. Acesso em: 13 maio. 2018.

¹⁰ Nota 19 do primeiro capítulo.

¹¹ Publicada em maio de 1961 comemorando os 70 anos da encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, marco inicial da chamada “Doutrina Social da Igreja”.

realidade as propostas do Concílio Vaticano II e onde nasce a opção pelos pobres. No ano de 1971, dois anos depois da publicação da “Pedagogia do Oprimido”, o teólogo peruano Gustavo Gutierrez publica o livro “Teologia da Libertação – Perspectivas”, considerado o início da sistematização teórica da Teologia da Libertação.

Anos rebeldes e anos fecundos. As resistências aproximam os que lutam contra os totalitarismos e a favor da vida. Não se tratam de fatos isolados, mas de um processo que depois de iniciado pode sofrer diversas transformações e passar por períodos de atividades e reflexões mais ou mesmo intensas, guardando, porém, a intuição e a inspiração original.

Clodovis Boff, na apresentação do livro “Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular”, escrito a partir dos diálogos entre Paulo Freire e Adriano Nogueira, fala sobre a importância de Paulo Freire para o processo de libertação:

De fato, pode-se dizer verdadeiramente histórica a contribuição de Paulo Freire ao processo de libertação dos oprimidos, e não só no Brasil. Por certo, muito do “novo” que hoje se mostra no variegado Movimento Popular, especificamente o “Novo Sindicalismo”, nas lutas de um “partido novo”, no surgimento de novas e originais associações e particularmente na “pastoral popular” da Igreja da libertação, não diríamos que se deve a Paulo Freire (como se a história fosse feita por individualidades, por mais geniais que sejam), mas encontra certamente nele uma das melhores expressões culturais e uma clara referência identificadora (BOFF, 2014, p. 26).

A educação é essencial no processo de libertação ou imersão da pessoa que passa de organismo a sujeito, ela se dá na reflexão sobre a prática e não na aplicação de técnicas supostamente neutras desvinculadas da realidade. Paulo Freire defende que:

Estávamos, assim, tentando uma educação que nos parecia a de que precisávamos. Identificada com as condições de nossa realidade. Realmente instrumental, porque integrada ao nosso tempo e ao nosso espaço e levando o homem a refletir sobre sua ontológica vocação de ser sujeito (FREIRE, 1985, p. 106).

Trata-se de uma postura diante da realidade popular que exige humildade, escuta, respeito e confiança, sem abrir mão da criticidade, que leva à problematização da realidade a partir do diálogo e questionamentos a partir das experiências compartilhadas. Implica também uma atitude amorosa e de solidariedade que vai além de um sentimento íntimo, passando necessariamente pela comunhão de vida.

Cabe perguntar agora qual o papel da Leitura Popular da Bíblia, na forma entendida e praticada pelo Cebi, nesse processo, e qual seu vínculo com a Educação Popular e a Igreja na Base.

O biblista Carlos Mesters, um dos fundadores do Cebi, em uma entrevista concedida em 18 de dezembro de 2012 ao site do Instituto de Humanas da Unisinos¹² e intitulada “A individualização do sujeito e os desafios da leitura bíblica hoje”, fala sobre o começo da instituição e de suas raízes e inspirações:

Como um ser humano que quando nasce já viveu nove meses, o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos – CEBI já existia quando nasceu. Isso porque o povo já estava lendo a Bíblia em suas comunidades. As pessoas começaram a lê-la a partir do único livro que existe: a vida. Então, passam a entender a existência a partir da Escritura. Isso se dava na época da ditadura militar, com todo sofrimento que esse período produziu. Percebeu-se que a leitura da Bíblia era uma força muito grande. Havia um grupo de padres, leigos, homens, mulheres, católicos, metodistas e luteranos que se reuniam umas duas vezes ao ano e falavam que a leitura que o povo estava fazendo era importante. Contudo, percebiam que era preciso se articular mais para ajudar o povo. Era, então, o ano de 1979.

Conforme sua fala, o Cebi nasce para articular, organizar e assessorar os grupos já presentes e atuantes nas comunidades de Base. Citamos, por exemplo, o Programa de Evangelização Encontro de Irmãos, criado por Dom Helder Câmara em 25 de maio de 1969, logo após a sua chegada ao Recife, e os círculos bíblicos estimulados pela arquidiocese de Belo Horizonte desde 1971, que depois foi estendido para todo o país pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) nos encontros do mês da Bíblia, sempre em setembro.

Em artigo escrito como reflexão em preparação à quinta conferência do Episcopado Latino Americano (CELAM), que ocorreu de 13 a 31 de maio de 2007, na cidade de Aparecida no Brasil¹³, Francisco Orofino, presidente do Cebi Nacional de 2008 a 2013, admite a influência de Paulo Freire no compromisso político-social dos cristãos e no método adotado pelo Cebi para fazer a Leitura Popular da Bíblia:

Na América Latina, nos anos 60 e 70, o compromisso político de muitos cristãos repercutiu e continua repercutindo profundamente na maneira de se ler e de se interpretar a Bíblia. Aqui temos que destacar o trabalho de educação popular desenvolvido por Paulo Freire.

¹² Disponível em:

<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2251&secao=278>.

Acesso em: 13 maio. 2018.

¹³ A recepção bíblico-pastoral das conferências episcopais na América Latina e a Leitura Popular da Bíblia.

Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=leitura+popular+da+b%C3%ADblia+e+educa%C3%A7%C3%A3o+popular&ei=LRykWtm1KYiVwgTppbwDw&start=10&sa=N&biw=1366&bih=613>>. Acesso em: 17 maio. 2018.

O método usado nos Círculos Bíblicos, como que naturalmente, levava em conta, de um lado, a experiência adquirida nos grupos de Ação Católica com o seu método Ver-Julgar-Agir e os ensinamentos de Paulo Freire sobre a pedagogia do oprimido e, de outro lado, a tradição dos próprios evangelhos.

Nesta introdução, basta constatar que o próprio Cebi se entende herdeiro da tradição da Educação Popular e das propostas de Paulo Freire, especialmente as expressas na Pedagogia do Oprimido. No corpo do trabalho analisaremos melhor o método de Leitura Popular da Bíblia, especialmente como é utilizado pelo grupo existente na cidade de Severiano Melo, e em que ele se aproxima ou se distância dos conceitos e fundamentos da Educação Popular na perspectiva freireana.

A influência e importância da Leitura Popular da Bíblia no surgimento e sustento das Cebis são enfatizadas pelos historiadores e estudiosos da caminhada da Igreja na Base na América Latina. Leonardo Boff, explicando como se estruturam e funcionam as Cebis, diz: “Tudo começa com círculos bíblicos que vão conquistando uma situação estável até formar a comunidade, geralmente constituída de 10 a 20 grupos de reflexão bíblica” (BOFF, 1986, p. 94).

A figura abaixo, por mim elaborada, resume os laços que procuramos destacar nesta contextualização.



CAPÍTULO 1 - PERCURSO METODOLÓGICO: O CAMINHO POR ONDE CAMINHAMOS

O caminho percorrido, de fato, trouxe desafios e questionamentos e foi muito prazeroso, mas também muito árduo e percorrido de forma coletiva. Além das disciplinas, eventos e grupos de extensão e estudos, foi construída uma relação mais próxima entre os orientandos da professora Hostina Nascimento. Passamos a caminhar conjuntamente e a formar um grupo que inicialmente era integrado pelas mestrandas Eliana da Silva Filgueira, Francisca Erenice Barbosa da Silva e Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, e pelo mestrando Francisco Canindé de Moraes Costa. No final do primeiro ano de atividades, elaboramos um resumo das aprendizagens num texto que intitulamos de “percurso coletivo” e que segue abaixo transcrito:

Trouxemos na bagagem formações e experiências anteriores que no caminhar das disciplinas foram confrontadas com as teorias do curso. Percebemos no percurso que a construção do conhecimento se efetiva de maneira grupal, coletiva na partilha comum dos saberes. Em diferentes espaços pudemos apreender a construção da pesquisa, fosse em sala de aula, no projeto de extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular – LEFREIRE, nos grupos de estudo e nos círculos de cultura, importante instrumento metodológico de concepção freireana.

A reconstrução coletiva do calendário nos levou a reafirmar nosso compromisso com o Curso. Os estudos teóricos e o estudo da realidade resultaram em fontes da pesquisa. Reconhecendo a necessidade do recorte das pesquisas, estas passaram a fazer parte de arquivo pessoal que se transformaram em produções que foram publicadas e outras que ainda estão sendo construídas.

O Ciclo de palestras oportunizou conhecer e consolidar uma visão ampliada sobre as diversas possibilidades metodológicas da pesquisa em educação.

As disciplinas pedagógicas trouxeram contribuições pontuais para a compreensão da pesquisa em educação e para o tema de cada um. Em “Educação e Cidadania”, refletimos sobre a importância da humanização da pesquisa e da prática pedagógica, uma provocação necessária na formação do educador-pesquisador. “Pesquisa em Educação” nos inseriu em um contexto de muitas possibilidades metodológicas na pesquisa científica aplicada à Educação, nos dando mais autonomia para a descoberta do nosso caminho. Com um formato mais dialógico, as disciplinas “Possibilidades metodológicas da pesquisa em formação e

desenvolvimento profissional docente” e “Seminário de pesquisa em formação Humana e profissionalização” contribuíram para a redefinição do projeto de pesquisa na medida em que ocorreram as discussões compartilhadas de cada projeto.

Em possibilidades metodológicas, tivemos um diálogo mais geral entre mestrandos e candidatos ao mestrado na construção de projetos e de propostas de pesquisa; um ambiente de intenso “despertar intelectual” de construção e avaliação do construído e do pensado. Um ambiente também preocupado com a inclusão de potenciais pesquisadores, motivação essa que levou a professora da disciplina a generosamente permitir a participação de profissionais da educação, ofertando a disciplina em horário alternativo (noite).

Na disciplina “Seminário de Pesquisa”, concentramos os esforços em examinar criticamente cada proposta, com o olhar científico-teórico-prático preocupando-se em adequá-las às exigências metodológicas e o tempo acadêmico disponível. Nesse exercício, fomos orientados pelas professoras da disciplina, enriquecidos por contribuições de outros pesquisadores do Programa e pesquisadores convidados.

Aprendemos na prática o que significa para o pesquisador ter humildade e desprendimento, e ainda que é preciso adequar nossos sonhos e curiosidades epistemológicas às exigências acadêmicas e cronológicas. Exercício ao mesmo tempo frustrante e libertador, possibilitando o crescimento com abertura de novas possibilidades, pois uma pesquisa puxa a outra e está ligada a diversas outras.

Os espaços grupais de crescimento, como já destacado, compreenderam a participação no LEFREIRE, no grupo de pesquisa e o estudo coletivo com os colegas orientandos da professora Hostina. Cabe ressaltar que o grupo de pesquisa “Educação e Linguagens” instigou a vontade de produzir conhecimentos.

O LEFREIRE, na sua composição, acolhe a pluralidade, pois reúne professores e estudantes (graduandos, graduados ou mestrandos) de diversos cursos e a comunidade em geral. As atividades englobam os estudos dos conceitos freireanos e a realização de Círculos de Cultura em comunidades rurais ou urbanas. A prática da escuta reflexiva foi exercitada nesses encontros. Aprendendo a ouvir a palavra do outro para confrontá-la com a nossa. O diálogo e a horizontalidade dos saberes é a marca do encontro.

Na medida em que as orientações coletivas e o grupo de estudo se fortaleceram, nos sentimos mais seguros para trilhar os caminhos da pesquisa, adotando como metodologia a proposta de problematização da realidade como fundamentação teórica e metodológica na

pesquisa em educação. Em alguns casos, o Círculo de Cultura foi utilizado como dispositivo problematizador.

Para compreensão dos conceitos freireanos, nos debruçamos sobre obras de Paulo Freire, com foco no 3º capítulo de Pedagogia do Oprimido, e no terceiro capítulo da Tese de Doutorado da Professora Hostina Nascimento.

Para compreensão da metodologia de Paulo Freire, estudamos o capítulo metodológico da tese de doutorado da Professora Hostina Nascimento. Realizamos discussão de mapas conceituais e slides e participamos da palestra da Professora no Ciclo de palestras realizado no POSEDUC em 2017.1.

No segundo ano do curso, o grupo foi fortalecido com as mestrandas Sara Cristina do Couto Silva e Karla Cristina. Além de continuarmos a realizar as orientações coletivas, com participações no LeFreie e no Gepel e em eventos, surgiram dois novos desafios para o grupo.

O primeiro deles foi assumir, em conjunto e sob a orientação da professora Hostina Nascimento, uma disciplina no curso de pedagogia da faculdade de educação, no turno da noite: Educação Popular: perspectivas freireanas. Essa experiência está em curso e será avaliada e analisada. Provavelmente, será artilhada na forma de artigos ou comunicações em eventos.

O segundo foi a oportunidade de estreitar os vínculos acadêmicos com o Grupo de Estudos em Práticas Educativas em Movimento – Gepem, participando como alunos ouvintes das aulas da disciplina Práticas Educativas em Movimento, ministradas pela professora Marta Pernambuco no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, e do projeto de extensão Ateliê, na mesma instituição.

Nesses espaços, aprofundamos a gênese e a evolução dos conceitos trabalhados por Paulo Freire e sua concepção de educação, tendo como texto base o livro “Extensão ou Comunicação”. Além do estudo teórico, exercitamos a prática na visita e avaliação de experiências de educação popular em Mossoró e vizinhanças e/ou elaborando atividades/projetos para conhecer e atuar com os terceirizados que prestam serviço nas respectivas universidades.

Junto com o Gepem, participamos do VII Seminário Paulo Freire e VI Encontro de Cátedras e Grupos de Estudos, realizados pela Cátedra Paulo Freire da Universidade Federal de Pernambuco, partilhando o andamento das nossas pesquisas.

Compreendemos que o trabalho do pesquisador em educação não é uma tarefa individual e solitária, mas só floresce nesse universo aberto à pesquisa e ao estudo que constantemente nos impulsionam e questionam.

Essa constatação me fez sentir confortável no Programa, pois, para mim, conviver e aprender em grupo sempre fez parte da minha trajetória como participante de comunidades de base, pastorais ligadas à Igreja Católica e movimentos sociais desde os meus dezesseis anos. Anos de intensa formação efetivada em encontros e cursos na minha cidade e em outros lugares, proporcionada pelo Centro de Estudos Bíblicos e outras instituições. Todas elas sem o reconhecimento acadêmico.

O Centro de Estudos Bíblicos só me despertou para realizar um Curso de Especialização na linha de Leitura Popular da Bíblia, chamado Dabar¹⁴, em 2003, em parceria com a Escola Superior de Teologia da Faculdade Luterana de São Leopoldo. Particpei da quarta turma desse curso, com dois anos de duração. Antes disso, integrei o programa do curso extensivo de formação de biblistas, mas, por problemas de saúde, o grupo do Rio Grande do Norte não chegou a terminar o processo de estudo pessoal e coletivo.

Com certeza, uma formação profunda e abrangente que capacita para o trabalho de assessoria bíblica e de grupos populares. Aprendi e cresci muito mais nesses caminhos do que em todos os cursos que frequentei ligados à educação formal. Mas pela sua pulverização no tempo e no espaço e por ser assistemática, deixou lacunas e inseguranças. Pelo menos em mim.

As atividades desenvolvidas neste caminho deixaram um legado e desafios.

Aprendi a aprender exercitando a humildade e a escuta ativa dos professores, dos colegas e de outras pessoas que participam da vida da universidade. Aprendo quando sou capaz de lançar um olhar crítico sobre minha própria produção, percebendo as potencialidades, mas também as fragilidades e as falhas. Aprendi a renovar e questionar as práticas cotidianas de assessorias. Estou aprendendo a ter disciplina, organização e a sistematizar o meu estudo. Isso é importante, pois tenho a tendência a ser dispersa e ficar esperando uma “inspiração”.

Desafio de produzir com qualidade e de refletir com profundidade. Por ser rebelde pela própria natureza, sou desafiada também a seguir os caminhos fixados com a orientadora (mas não sem antes questionar).

Para quem se acostumou, como eu, a fazer de tudo, e em ritmo acelerado, fica o desafio de um fazer mais reflexivo e mais atento às particularidades de cada espaço, grupo e momento. Dedicar mais tempo ao planejamento e à escuta que à fala e à realização. Cuidar também em avaliar para melhorar sempre.

Pela ausência de uma graduação na área específica da educação, existem muitos termos, conceitos, autores e realidades das quais preciso me apropriar para me sentir mais segura para

¹⁴Dabar é um nome bíblico que significa Palavra.

aproveitar este tempo favorável de formação e olhar para mim mesma com a ajuda do grupo. “Somos pó se andamos sozinhos. Somos rocha se o amor nos unir”¹⁵.

Sinto-me mais à vontade na pesquisa de campo. Seja porque já conheço a realidade e as pessoas que fazem o Cebi Severiano Melo, seja porque visitar as comunidades e participar de encontros, reflexões e avaliações é a minha prática cotidiana. Antes mesmo de ter em mãos o material bibliográfico produzido pelo grupo, visitei-o durante uma atividade para observar e me familiarizar com sua dinâmica.

“Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu. Tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar a planta. Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de destruir, e tempo de construir. Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de gemer, e tempo de bailar. Tempo de atirar pedras, e tempo de recolher pedras; tempo de abraçar, e tempo de se separar. Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de jogar fora. Tempo de rasgar, e tempo de costurar; tempo de calar, e tempo de falar. Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz” (ECLESIASTES 3:1 -8).

Embora a minha vida profissional não guarde relação direta com o tema da pesquisa, pois atuo na Justiça do Trabalho, a flexibilização da minha jornada de trabalho me permitiu organizar as atividades para participar da vida do mestrado.

Os diálogos e vivências e o desafio de olhar para as lutas da vida de forma mais acurada geraram alguns frutos, ilustrados no quadro de produção acadêmica apresentado¹⁶. A partilha nos eventos também foi uma oportunidade de enriquecimento ao me defrontar com outros sujeitos e aprender com suas experiências, deixando-me questionar por elas.

A primeira transformação necessária se deu no projeto de pesquisa que foi refinado e delimitado para se tornar viável dentro do prazo fatal de dois anos do programa e possibilitar o estudo da experiência de educação popular vivida pelo Centro de Estudos Bíblicos (Cebi) na cidade de Severiano Melo. Não se trata de uma afirmação categórica ou de uma conclusão antecipada, mas de uma pergunta que merece um exame detido e rigoroso para se chegar a possibilidades de respostas e novos questionamentos.

Os objetivos específicos propostos explicitam melhor os passos necessários para clarear a curiosidade original. São eles: Destacar o processo de Educação Popular vivido nos encontros do Cebi; perceber as motivações para criação e manutenção do grupo de assessoria do Cebi em

¹⁵Trecho da música Samba Social, do cantor Zé Vicente.

¹⁶Anexo 4.

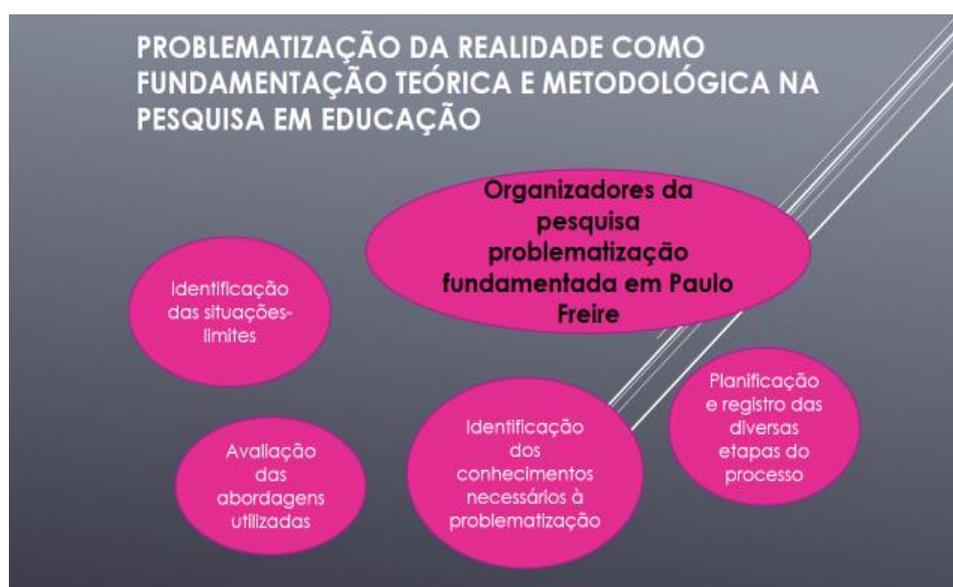
Severiano Melo e sua influência na vida pessoal e atuação social dos participantes; Compreender os efeitos da atuação do grupo junto à comunidade de Severiano Melo.

Um objetivo específico presente no projeto original era “Aproximar as instâncias da educação popular da formação acadêmica, favorecendo o diálogo e a atuação social conjunta e complementar entre os saberes”. Promover o diálogo entre educação popular e academia é missão para uma vida inteira e inspiração para continuar a agir. Pode até ser a inspiração que dá origem à pesquisa, mas não é uma pergunta objetiva a ser respondida.

Ficou claro também a necessidade de destacar o que se compreende por educação popular e como ela acontece nos encontros do Cebi. Esse enfoque na dimensão pedagógica da Leitura Popular da Bíblia ficou mais explicitado na segunda versão do projeto. O foco no possível e no essencial redefiniu todo o projeto. O olhar foi estreitado quanto ao alcance e alargado quanto à profundidade.

O instrumento metodológico proposto para o desenvolvimento da pesquisa é inspirado nas ideias defendidas por Paulo Freire e denominado Problematização da realidade como fundamentação teórica e metodológica da pesquisa em educação e pode ser sintetizado na figura seguinte.

Figura 1: Problematização da realidade como fundamentação teórica e metodológica na pesquisa em Educação

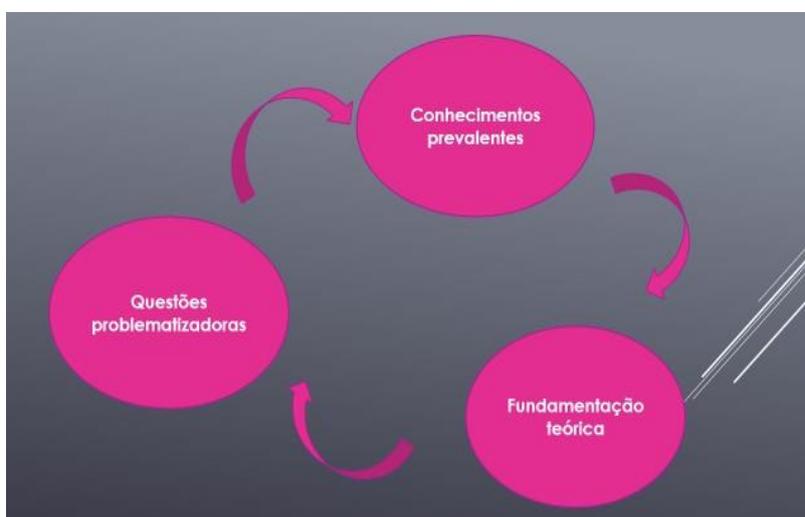


Fonte: Adaptação de material elaborado pela orientadora.¹⁷

A figura 1 permite ter uma visão integral das etapas do processo. A divisão em etapas tem uma função didática de facilitar a compreensão, pois elas não são estanques, no mínimo, são vasos comunicantes.

A problematização da realidade para perceber as situações-limite presentes na realidade exige o prévio conhecimento desta. Paulo Freire, em uma entrevista, afirmou: “nunca pude entender a leitura e a escrita da Palavra sem a ‘leitura’ do mundo, que me empurrasse à reescrita do mundo, ou à sua transformação”.

Figura 2: Etapas do processo



Fonte: Adaptação de material elaborado pela orientadora.

O conhecimento da realidade implica não apenas ter informações e observações sobre o fato que é objeto de estudo, mas também o acesso a referenciais teóricos que permitam a sua interpretação. Essa relação é melhor explicitada na imagem que segue e que destaca três categorias de estudo da realidade, relato de experiência, descrição do fenômeno e estudo sociocultural.

Figura 3: Estudo da realidade

¹⁷Neste e nos organogramas que seguem.



Fonte: Adaptação de material elaborado pela orientadora.

A minha pesquisa, em particular, se trata da descrição de um fenômeno, o grupo do Centro de Estudos Bíblicos na cidade de Severiano Melo, para identificar elementos de pertença, contribuições para o desenvolvimento pessoal dos participantes e sua atuação social, e quais os elementos próprios da Educação Popular presentes nessa caminhada.

A compreensão do fenômeno foi facilitada pela organização do grupo, que guarda nos seus arquivos o relatório de todas as atividades realizadas e cópia do material didático e textos utilizados nos encontros. Tive acesso ainda ao depoimento escrito de uma das participantes. Também participei de diversos eventos relativos às comemorações dos 20 anos de existência do Cebi de Severiano Melo e acompanhei duas etapas da Escola Bíblica que estava em andamento.

Esses elementos foram essenciais para organizar e realizar o Círculo de Cultura, que cumpre a função de ser o dispositivo problematizador da realidade.

O desafio é encontrar formas de atuar na pesquisa e extensão que revelem a complexidade da realidade e a diversidade dos sujeitos envolvidos. Nessa busca, o Grupo de Extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular – LEFREIRE, atuando em sintonia e parceira com o GEPEL, ambos da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, abraçou o desafio de utilizar o Círculo de Cultura como dispositivo de produção de conhecimentos na interação entre a pesquisa e a extensão. A maioria dos pesquisadores do Gepel também integra o Lefreire.

O desafio maior é refletir sobre qual a contribuição dessa experiência para a prática da pesquisa qualificativa na educação. Transformando as preocupações em questionamentos, podemos perguntar, junto com Hostina Nascimento, Marta Pernambuco e Hélio Junior:

Ao problematizar a contribuição desta sistematização, surgem algumas questões iniciais: quais as implicações epistemológicas e metodológicas de um novo, embora parcial, conhecimento construído sobre a pesquisa? O produto das pesquisas sob esta abordagem freireana acrescenta alguma contribuição à produção teórica da área na perspectiva do local e do global? O que se aprende, realizando este tipo de pesquisa, sobre o modo de fazê-la? E, principalmente, como pesquisar tomando o pensamento de Paulo Freire sobre problematização da realidade, conscientização e emancipação como fundamentação teórica e metodológica? (NASCIMENTO, 2017).

Inicialmente pensado e implantado como uma ferramenta para a alfabetização de adultos, o Círculo de Cultura vai além de ensinar a ler e escrever, mas pretende levar o participante a ler a realidade e se apropriar de sua identidade cultural, tomando consciência de sua posição na sociedade.

Paulo Freire sistematiza as principais características da metodologia no seu livro “Educação como Prática da Liberdade”:

Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar da aula discursiva, o diálogo. Em lugar do aluno passivo, o participante de grupo. Em lugar dos programas alienados, programação “reduzida e modificada” em unidades de aprendizado (FREIRE, 2006a, p. 111).

Na organização e realização do Círculo de Cultura em Severiano Melo, contei com o apoio do LEFREIRE e do Cebi local. Este último organizou o local e se responsabilizou por convidar para participar pessoas que representassem as diversas atividades e escolas bíblicas realizadas ao longo de vinte anos. O convite foi aberto, mas dirigiu-se especificamente a duas ou três pessoas de cada escola, feito pessoalmente ou pelo Whatsapp, conforme imagem seguinte.

Figura 4: Convite



Fonte: Grupo LEFREIRE.

O grupo do Cebi pesquisado também se responsabilizou pela abertura do encontro.

A programação seguiu o seguinte esquema:

Canto de Abertura – Hino de Cebi (equipe Severiano Melo)

Agradecimentos e apresentação do LeFreire (Zélia)

Construção da Linha de Tempo (Socorro Holanda – equipe do Cebi Severiano Melo)

Círculo de Cultura (Erenice e Eliana)

- Explicação sobre o Círculo de Cultura
- Dinâmica de relaxamento e entrosamento
- Observação e escolha de fotos e materiais usados nas escolas
- Fala com a memória dos participantes
- Encerramento

O planejamento original previa uma quadrilha improvisada no final do encontro, porém, como houve atraso no transporte do pessoal do LEFREIRE e colegas do mestrado, não foi possível realizar a quadrilha improvisada no final, que foi substituída pelo canto do “Baião das Comunidades”, música de Zé Vicente, muito cantada nos encontros de comunidades eclesiais.

A linha de tempo, construída logo após a abertura, é conhecida e utilizada pelo grupo pesquisado e consiste em colocar numa sequência datas ou fatos significativos da história. Cada participante se insere nessa caminhada colocando o seu nome próximo do evento do qual participou. A frase de motivação foi "Eu faço parte dessa história".

A cebiana¹⁸ Socorro Holanda, da cidade de Severiano Melo, descreve assim a dinâmica:

É... Nesse momento eu vou entregar uma tarjetazinha que tem “eu faço parte dessa história” a cada um/cada uma, claro, que fez Escola Bíblica! O pessoal de Mossoró... (risos) ...Vai botar o seu nome aqui e vai ver se se encontra aqui nesse... Nessa linha de tempo aqui. Nós vamos organizar uma linha do tempo, por exemplo: eu entrego, aí Neiriane vem aqui e Neiriane foi de 99 a 2000? Aí ela vai dizer “não, não me encaixo aqui, eu acho que eu estou aqui 2009 a 2010”. Aí você vem aqui, ou cola com fita ou cola em baixo da sua cartela. E assim por diante. Entenderam direitinho? Vai procurar na linha de tempo onde é que você tá fazendo parte dessa história.

A dinâmica foi filmada e o gesto não foi acompanhado de explicações, mas alguns tinham dúvidas quanto à data e foram ajudados pelos demais. A memória coletiva ajuda a memória individual.

A partir desse reencontro com os outros e com sua presença na história, os participantes encontraram no ambiente do encontro fotos, livros, cartazes e materiais usados nos estudos bíblicos, e foram estimulados a escolher uma foto, símbolo ou objeto e, a partir dele, partilhar suas memórias.

Tivemos o apoio do grupo do LeFreire nos registros fotográficos, de áudio e filmagem, para guardar e permitir a visualização e análise não somente das palavras, mas também das posturas, expressões e ambiente.

Yure Paiva¹⁹ resume a importância da realização do círculo bíblico e da presença do Cebi na cidade de Severiano Melo. Destaco um trecho da sua fala, já transcrita, para facilitar o exame:

O CEBI, certo? De Severiano Melo é, de fato, um marco primordial. A caminhada do CEBI aqui na comunidade de Severiano Melo, a gente escuta os depoimentos aqui, mas existem muitos outros que não vieram aqui que também têm esses depoimentos, que também têm essas histórias e outras histórias, sempre de referência de que o CEBI ajuda de fato a fazer com que as pessoas, elas sejam protagonistas da sua história, que sejam de fato homens e mulheres melhores, que precisam passar dessa vida fazendo o bem fincado na verdade. Como o Doutor falou, Cornélio, fincado realmente na realidade. Então é uma oportunidade, uma alegria poder vir aqui partilhar com vocês, participar com vocês também desse momento tão rico, tão grandioso, que é de fato essa memória, de perceber a história da Bíblia, a caminhada, o CEBI

¹⁸Termo com o qual os integrantes do Cebi se identificam.

¹⁹Utilizamos o nome correto dos participantes e não um pseudônimo ou apelido, pois o grupo autorizou.

como oportunidade, como influência, como jeito de fazer educação na vida das pessoas.

Ao analisar as falas e os sentimentos gerados na atividade, o pesquisador não se prende à mera descrição do fato. Esse é apenas o primeiro passo. Também não se trata de enaltecer a realidade estudada, mas de enfrentar o desafio da pesquisa problematizadora, buscando descobrir as situações-limite. As situações-limite não são necessariamente problemas, também estes, mas possibilidades de crescimento e desafios que não são perceptíveis a um olhar superficial.

A pesquisa problematizadora precisa gerar uma inquietação diante das dificuldades e obstáculos que se apresentam como desafios aparentemente insuperáveis de maneira a promover mobilizações buscando a conscientização e consequente emergência das situações-limite estudadas. Nessa perspectiva, elas passam a se apresentar como “dimensões concretas e histórias” (FREIRE 2005, p. 104) desafiadoras a serem ultrapassadas e não barreiras insuperáveis (NASCIMENTO, 2017).

Dessa forma, após a realização do Círculo de Cultura, no exame dos seus resultados, a metodologia implica uma análise cuidadosa para sistematizar as informações, agrupando-as em unidades temáticas que guardam pertinência ou importância maior na realidade, facilitando, assim, a problematização da realidade, necessária para o crescimento e a mudança.

A metodologia prevê ainda a utilização de entrevistas ou conversas particulares com pessoas que participaram do momento, para aprofundar ou esclarecer informações, opiniões ou posicionamentos. Na minha pesquisa, isso foi necessário, pois, como foram muitas falas e pessoas participantes, as coordenadoras do Cebi de Severiano Melo não puderam se estender muito nas suas falas. Também não houve como incluir perguntas e provocações que remetessem aos objetivos da pesquisa. Além disso, uma das integrantes da coordenação do Cebi de Severiano Melo precisou se ausentar no momento da realização do Círculo de Cultura para resolver problemas pessoais. Estava presente apenas na apresentação, como se verifica na transcrição do Círculo de Cultura²⁰. Então se perdeu a sua visão da história e trajetória do grupo.

Por essa razão, houve uma conversa posterior, desta feita, juntando apenas a coordenação do grupo e uma integrante que colabora no planejamento e realização das atividades. Essa conversa foi gravada, infelizmente não foi possível filmar, e se transformou

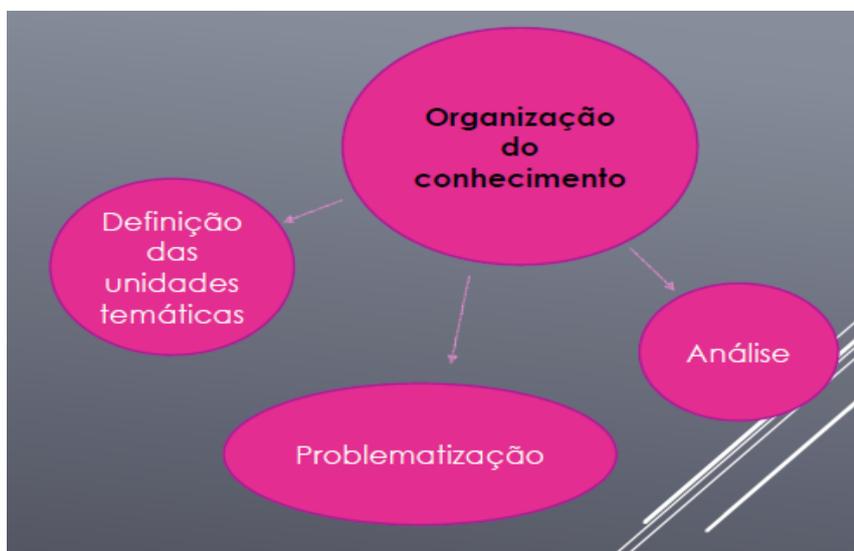
²⁰Anexo 5.

numa confraternização e memória, pois aconteceu no mês de janeiro de 2018, nos alpendres de uma casa na praia de Tibau. Foi seguida de um churrasco.

Transcritas as falas, passamos à leitura atenta e amudada das informações coletadas e dos registros feitos. Leitura, releitura, distanciamento e retorno. Isso permite identificar os pontos comuns e mais significativos que foram abordados no processo, agrupando-os em unidades temáticas. Desconstruímos o que aparentemente estava organizado, criando um caos, para depois encontrar novas formas de organização do material disponível, estribados na teoria escolhida.

Essa etapa da análise está demonstrada na figura seguinte.

Figura 5: Organização do conhecimento



Fonte: Adaptação de material elaborado pela orientadora.

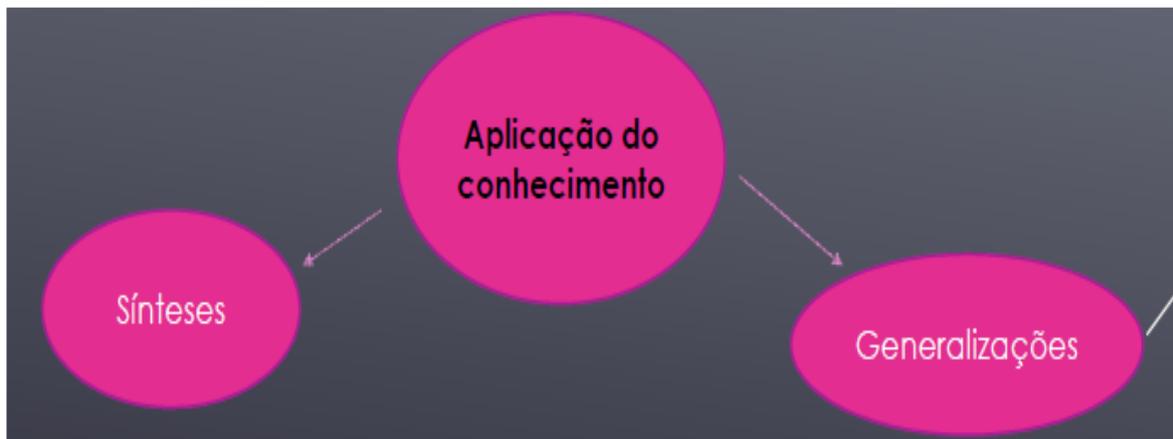
Definimos as unidades temáticas em três, abordando os seguintes aspectos do grupo: Unidade 1 – Origens e identidade; Unidade 2 – Caminhos e Crescimentos; Unidade 3 – Ações e Reações.

O agrupamento em unidades temáticas que guardam pertinência ou importância maior na realidade, facilitando, assim, a problematização da realidade, é necessário para o crescimento e a mudança. Na problematização, se busca descobrir limites, problemas ou possibilidades não exploradas na realidade em estudo.

A terceira etapa consiste na aplicação do conhecimento e produção de uma nova consciência possível. Construção do conhecimento sobre a experiência do Cebi de Severiano

Melo e sua contribuição para o crescimento pessoal de seus membros e atuação na comunidade, como abaixo esquematizado.

Figura 6: Aplicação do conhecimento



Fonte: Adaptação de material elaborado pela orientadora.

O professor Antonio Fernando Gouvêa Silva sintetiza muito bem o processo na seguinte fala:

O processo de educação popular crítica demanda registrar concepções de mundo e sistematizar discussões em seus diferentes momentos de análise da realidade problematizada. Tais discussões e análises necessitam de uma representação que, de forma sintética e concreta, apresente o conhecimento relacional apreendido em construção. Essa representação é feita pela rede temática, que procura explicitar, de forma relacional, o diálogo entre as diferentes concepções dos sujeitos envolvidos na construção da prática educativa popular como prática social, caracterizando-se como um processo que busca compreender historicamente as imbricações entre as práticas socioculturais e econômicas observadas em uma realidade concreta, a partir de uma análise balizada por sucessivas totalizações. Sem esse registro, a construção e planejamento das atividades de formação da comunidade corre o risco de se tornar bancária e pragmática, distanciando o processo de discussão vivido da realidade que foi a referência inicial, dissociando e descontextualizando realidade e conhecimento, processo e produto, sujeito do conhecimento e prática participativa comunitária (SILVA, 2007).

Podemos, ainda, representar essa dinâmica e essa circularidade do método onde cada ponto de chegada implica uma nova partida na figura seguinte.

Figura 7: Metodologia: problematização da realidade (Paulo Freire)



Fonte: Adaptação de material elaborado pela orientadora.

As setas que interligam as etapas indicam um movimento de vai e vem, pois na etapa de organização pode-se precisar buscar novos conhecimentos, e a aplicação destes transforma a realidade, ou deve transformar. Como diz SILVA, se trata mais de uma rede e não de uma sequência imutável.

Um método desafiador e dinâmico que exige do pesquisador a capacidade de exercitar a escuta amorosa e ativa, valorizando a contribuição de cada um. O diálogo com os teóricos não substitui a realidade, mas a ilumina e questiona. E a realidade também põe em xeque as sínteses e teorizações. O conhecimento e a vida devem crescer nesse processo dialético.

O conhecimento novo produzido por esse processo será apresentado na sequência desta dissertação, com a análise das unidades temáticas apresentadas e as problematizações, possibilidades e limites percebidos.

Também procuraremos explicitar os conceitos e fundamentos da Educação Popular propostos por Paulo Freire e suas afinidades e diferenças com o método da Leitura Popular da Bíblia utilizados pelo Cebi e sistematizados por Carlos Mesters. Como eles são muitos e estão interligados, destacamos diálogo, libertação, conscientização e educação.

CAPÍTULO 2 - ORIGENS E IDENTIDADE: EM NOME DO PRIMEIRO AMOR.

Na cidade de Severiano Melo, o Cebi surge quando jovens da cidade participam de uma Escola Bíblica de Agentes em Governador Dix-Sept Rosado, no ano de 1995, onde funcionava um Centro de Formação construído e mantido por religiosas da Congregação Católica das Filhas de São José.

Foram dois grupos que participaram desse processo e, ao final, decidiram partilhar em sua cidade a experiência vivida, iniciando em 1997 uma escola bíblica popular²¹. No ano de 2017, quando iniciamos a nossa pesquisa, o grupo continuava atuante e permaneciam nele quatro (04) daquelas jovens que participaram das origens e de toda a caminhada.

Socorro Holanda, ao abrir o Círculo de Cultura, coloca a sua compreensão sobre o que é o Cebi e destaca a presença e articulação em todo o Brasil:

O CEBI é um Centro. Centro de Estudos Bíblicos, né? A nível nacional. E estuda a Bíblia de uma maneira ecumênica. Não é assim pra... Só para católico, nem só pra... Não, é de uma maneira ecumênica. E vê a Bíblia, a gente se vê na Bíblia, de uma maneira popular, onde a gente possa encontrar nossa vida na Bíblia. Então é um jeito bem gostoso, diferente, de estudar a Bíblia. A partir dos pobres, dos mais desfavorecidos.

Socorro Holanda também esclarece como as jovens de Severiano Melo tiveram contato com o Cebi:

Conheci o CEBI em 96. Estava participando de uma reunião zonal, com vários padres, zonal do médio-oeste, com todo o médio-oeste, quando irmã Clara chegou numa roda de conversa e disse: “Vocês de Severiano Melo, lá da paróquia de Itaú, já têm o CEBI lá, conhece o CEBI?”. Eu disse: “não, nunca ouvi falar. O que é isso?”. E ela colocou o que é e convidou para a Escola Bíblica: “Tô mandando cinco (5) fichas pra lá, não quero receber nenhum não”. E foi essas cinco (5) pessoas, né? Que iniciamos, fomos pra Governador. Elas não eram brasileiras, né? Vieram fazer um trabalho aqui no Brasil na época em que o Bispo era Dom. Gentil e a partir daí que elas construíram aquela sede enorme em Governador e começaram a divulgar a Palavra. Estudar esse novo jeito de ver a Bíblia e o CEBI foi realmente divisor de águas.

²¹ As escolas bíblicas são um instrumento utilizado pela Cebi para introduzir as pessoas no estudo da Bíblia, capacitando-as para realizar a Leitura Bíblica com grupos e comunidades. A escola popular era destinada aos animadores de Base e as Escolas de Agentes para as pessoas que acompanhavam os animadores.

Os zonal médio-oeste referido por Socorro se trata de uma divisão interna da Diocese Católica com sede em Mossoró. As paróquias próximas se reuniam periodicamente para estudar juntas, planejar e realizar atividades comuns e encaminhar as decisões da diocese. As reuniões eram periódicas e itinerantes. Contavam com a presença de padres, religiosos e religiosas e leigos. A cidade de Severiano Melo integra a paróquia de Itaú (na época, uma área pastoral da Paróquia de Apodi) e fazia parte do Zonal Médio-Oeste junto com as paróquias de Martins, Caraúbas, Governador Dix-Sept Rosado, Patu e Umarizal.

Cabe destacar aqui que não existia, como ainda não existe hoje, um transporte direto que ligasse as duas cidades (Severiano Melo e Governador Dix-Sept Rosado). Nesses dois municípios, há estrada de acesso para Mossoró, onde todos acorrem para o comércio, escolas, saúde, bancos, enfim, serviços que não encontram nas suas urbes.

De Severiano Melo para Mossoró, o trânsito se dá pela BR-405. São 107 quilômetros de distância. E de Governador para Mossoró, pela RN-117, são 38,3 quilômetros. Entre as duas cidades, a distância é de 103 quilômetros, percorridos, na sua maioria, pelas estradas RN-233 e RN-117²².

Nesse período que abrange o final da década de 90, alguns padres e paróquias apoiavam as atividades do Centro de Estudos Bíblicos na região, estimulados pelo testemunho das irmãs de São José, já citadas, e também porque a Diocese Católica de Mossoró estimulava a formação de leigos na pessoa de seu Bispo Diocesano, José Freire de Oliveira Neto. Mesmo assim, chegar a Governador era uma aventura. Seja esperando alguém da paróquia que fosse deixar ou buscar, aproveitando um transporte com outro grupo ou arriscando uma carona na estrada.

“Fomos para Governador”. Essa frase, na qual Socorro resume a experiência original, deve-se entender participar integralmente da formação na Escola Bíblica de Agentes. Oito etapas de dois dias de estudo cada uma, distribuídas ao longo de dois anos. Era preciso muita força de vontade para perseverar na escola e mais ainda para permanecer por 20 anos refazendo e reaprendendo a metodologia e a proposta da Leitura Popular da Bíblia.

Perceber as motivações para criação e manutenção desse grupo e sua influência na vida pessoal e atuação social dos participantes. Esta é uma das inquietações que a pesquisa busca responder para acompanhar o processo educativo vivido nessa coletividade, partindo de sua origem e identidade.

²² Conforme dados coletados no Google mapas.

Sobre esse tema, as quatro mulheres que estão à frente do grupo desde a sua origem²³ dão depoimentos semelhantes. Há um encantamento e uma identificação com a proposta do Cebi desde quando ela lhes é apresentada, e o desejo de partilhá-la. O fato de estarem em grupo e o impulso da juventude fizeram com que a proposta se concretizasse.

Podemos perceber isso no relato de Emirene sobre o começo:

A memória que eu faço dessas duas irmãs, que é irmã Clara e irmã Janine, né, lá de Governador, que foi o princípio de tudo. Foi lá onde eu me apaixonei pelo CEBI. Onde eu tive o conhecimento, porque aqui na minha comunidade, quando eu fui pra lá e iniciei a Escola, o conhecimento que eu tinha de Bíblia era pouco porque era só mais porque eu já era catequista. E lá foi onde eu pude me aprofundar mais, com essas duas irmãs que eu ficava assim encantada com elas duas. É tanto que, quando eu passei a minha filha é em homenagem à irmã Clara, que eu queria... Clara Janine, tá aqui a minha filha. Clara Janine, mas, infelizmente, não bateu muito com o pai e ficou Ana Clara. Mas eu queria o nome das duas. Então foi o princípio de tudo (EMIRENE).

Emirene resgatou essa memória olhando uma foto das irmãs Clara e Janine, que a partir do Centro de Formação São José, construído na cidade de Governador Dix-Sept Rosado, no interior do Rio Grande do Norte, realizaram escolas bíblicas, espalhando a proposta do Cebi pela região oeste do estado do Rio Grande do Norte. Na conversa que aconteceu em Tibau, ela complementa essa informação:

Eu sempre fui muito curiosa. Zélia é testemunha, né? Sou muito curiosa, assim e quando na primeira etapa que foi eu disse menina nós vamos fazer isso lá em Severiano Melo, nós temos que levar para Severiano Melo e depois quando a gente terminou a turma que foi pra começar outra que teve os estágios, eu lembro que teve um planejamento em Natal, lembra? Que era numa chácara. E eu nunca esqueço daquela oração que foi feita e eu fiz o juramento naquela oração, enquanto eu fosse viva e morar em Severiano Melo o CEBI de Severiano Melo não ia acabar, eu não ia deixar de participar do CEBI, e o que me chama atenção assim, porque se foram, já está com 20 anos e é o mesmo grupo e a paixão é a mesma, a paixão é a mesma...

O impulso forte do começo também é destacado por Andreia:

Eu sou Andreia. Iniciei a Escola Bíblica em Governador, né? Em 97. Ao mesmo que a gente lá em Governador já foi [...] Eu, Jória e Celso, né? Fomos formados em Governador (e Sônia). E aí a gente aqui em Severiano Melo também já foi logo formando a primeira turma. O gosto, né? E a sede era tão grande que a gente fazia lá e, ao mesmo tempo, fazia aqui também a nível popular.

O mesmo sentimento é partilhado por Jória, que fala:

²³As quatro são: Socorro Holanda, Emirene, Jória e Andreia. Conservamos os nomes originais, pois recebemos autorização para fazê-lo.

Quando começamos a fazer a escola em Governador, veio aquele desejo de como é bom nos deliciarmos, nos lambuzarmos, né, da palavra... Aí por isso que a gente diz como é bom. E naquele momento a gente pensou como era fácil, né? Que era viável a formação de uma escola, o primeiro, eu acho o primeiro que motivou a gente a formar a escola foi isso. Vixi, como é bom a gente transmitir! Não posso ficar com o conhecimento só nosso, né? É viável?

Socorro Holanda destaca especialmente a força da juventude:

Nossa juventude, ela tava forte. Todos nós desejamos realizar, vamos fazer a escola bíblica acontecer aqui. Era uma sede, uma vontade enorme... Essa vontade, com certeza, foi a juventude.

Há unanimidade em falar da paixão pelo Cebi, do gosto pela novidade e da sede de conhecimento. Mas nenhuma das falas define com exatidão o motivo desse alumbramento. A estrada, as dificuldades, o contato com visões religiosas para além do dogma e da devoção, a metodologia de trabalhar a Bíblia a partir da realidade, o testemunho das irmãs Clara e Janine, a convivência nos dois dias de encontro e os sonhos da juventude. Quais os elementos que despertaram o desejo de construir o Cebi na sua terra? Viram que tudo era muito bom...

As experiências que mexem com o emocional são difíceis de definir. É preciso apelar para a poesia, os adjetivos e/ou o símbolo, como fizeram as entrevistadas. Precisamos lembrar que nos idos de 90 a comunicação não era instantânea e acessível para todos, como hoje. Essas jovens do sertão tiveram na escola bíblica uma oportunidade de ampliação de horizontes e quiseram partilhar a descoberta com os seus.

Pelos relatos, percebe-se que diversas pessoas viveram a experiência de fazer a formação inicial na sede do Cebi na cidade de Governador Dix-Sept Rosado. São citados Celso e Sônia, mas nem todos assumiram a fundação e a manutenção da escola em Severiano Melo. Cabe até perguntar por que isso se deu. Embora no decorrer de 20 anos tenham acontecido muitas atividades promovidas pelo Cebi em Severiano Melo, o núcleo original permaneceu o mesmo. Essa distinção é percebida pela comunidade, conforme se vê nas falas:

Porque logo que eu fiz a Escola, eu passei pouco tempo. Aí comecei a fazer parte do CEBI, né? Eu tô de licença, assim... Forçada (risos). Período que não tá cabendo as tarefas, aí me afastei dessa Escola agora. **Mas eu tô com as meninas** desde a...(MARIA ANTÔNIA).

Então, logo que eu terminei, só parei a segunda Escola, eu não **ajudei as meninas**, mas na terceira escola eu já vim morar aqui na cidade e aí eu já entrei como auxiliar, né? Ajudando a elas. Dando auxílio no que precisava. A gente fazia papel de profeta, ora estava fazendo a oração inicial... Ou seja,

tudo que precise dar apoio... A gente tá aqui pra isso, né? Nas finanças, nas contas, em tudo. As meninas sabem aí (DAMIANA).

Pra mim, é como Nilsa falou e também as meninas falaram aqui: as meninas, essas cinco pessoas, elas são assim... Um ponto chave, né? Que são especiais. Eu digo que elas são nota dez não, né? Elas são nota mil, né? E quando eu digo que são nota mil não é puxando o saco não, é porque são mesmo, sabe? (NEIRIAN).

Eu sempre perguntava às meninas quando tinha uma outra etapa... “Quando é que vai?”, e não ia. Quando chegou 2013/2014 eu disse: “É agora que eu vou terminar a minha Escola Bíblica” (NILCIMAR).

Embora Neirian e Nilcimar identifiquem cinco pessoas como responsáveis pelo Cebi, as duas mais próximas do grupo original, Maria Antônia e Damiana, e que mais atuaram junto com elas, fazem a diferenciação entre elas e “as meninas”, que continuam meninas mesmo depois de 20 anos. Damiana fala em ajudar as meninas. Apenas Maria Antônia diz “tô com a meninas”.

Há uma forte coesão no grupo das “meninas”. Ao ponto de Jória chegar a perguntar se não foi criada uma redoma²⁴. Os laços de camaradagem criados ao longo do tempo também contribuem para a manutenção de Cebi em atividade e para deixar aceso o gosto pela Palavra e pelo seu estudo com a comunidade.

As falas são reveladoras, como estas de Andreia e de Emirene:

A gente pegar o livro e estudar em casa, não simplesmente só a Bíblia, mas os livros que a gente estuda, os autores que a gente estuda, a Carlos Mesters, ele nem sabe, mas eu devo muito a ele. A cada uma das meninas, porque eu acho que o que deixa... O que faz a gente unida até hoje é porque uma diz pra outra, assim, na cara, né, Emirene?! “Andreia, tá errado isso. Pense em fazer diferente. É melhor assim.” E o “melhor assim” acontece porque cada uma de nós consegue dizer. Inclusive, até na nossa vida pessoal (ANDREIA).

É um grupo que, assim, que eu também sou apaixonada, no sentido que nós somos companheiras, tanto na escola como fora. É uma intimidade tão grande que a gente pode chegar e dizer o... “ói, Andreia, você fez isso, não tá correto”. É um grupo assim... Muito... (fez um gesto de união) (EMIRENE).

Na memória coletiva, outra suspeita que me acompanha desde o projeto de pesquisa foi confirmada: a falta de apoio da Igreja oficial. Ela foi constatada e entristece o grupo. Com a palavra, Emirene:

²⁴ Já passou tanta gente que poderia ter ficado e não ficou, não sei se foi egoísmo da nossa parte e a gente não deixou, apesar da gente ser aberto assim, de ser uma amizade, que o objetivo da gente não é só na escola, nós somos amigos também além da escola bíblica, mas, de certo modo, nós criamos com essa redoma (trecho de sua fala – transcrição da conversa em Tibau).

Diante de todas as histórias de 20 anos, de tudo que passou, o que me entristece, assim, não me entristece muito, mas, uma coisa que me deixa, assim, pensativa é por que que nossos padres não valoriza a escola bíblica.

Socorro Holanda arrisca uma resposta: “Tem medo de perder espaço, do poder, certeza”.

O saber é uma forma de poder, e quando a instituição detém o monopólio da saber sua palavra é Lei. No universo religioso, a situação piora, pois mexe com o imaginário e a fé. Para quem nada sabe, a autoridade fala em nome de Deus e sua palavra não pode ser questionada.

Ensinando a desconfiar do que está pronto, o Cebi contribui para abrir a mente das pessoas, dando-lhes autonomia e devolvendo-lhes a palavra. Essa autonomia de fato incomoda. O teólogo Francisco Orofino, que já foi presidente do Cebi Nacional nos anos de 2008 a 2013, em entrevista ao site do Instituto de Humanas da Unisinos²⁵, fala sobre o poder emancipatório da Leitura Popular da Bíblia:

Para dizer a verdade, a Bíblia nas mãos do povo rompeu o monopólio da teologia, até então restrita ao clero. Ter a Bíblia nas mãos do povo é um gesto de libertação da teologia clerical. Por isso, a Bíblia nas mãos do povo permite o avanço em duas grandes questões do Vaticano II, que sempre vão ser foco de tensão: a questão da desclericalização e da descentralização.

Muitas paróquias, hoje, não admitem a realização de cursos bíblicos, nem círculos bíblicos, nem reflexão bíblica, porque percebem que a Bíblia nas mãos dos leigos é um importante instrumento de conscientização do laicato.

Essa realidade merece discussão, mas não é a preocupação desta pesquisa. Destacamos apenas para ilustrar o fato de o grupo caminhar de forma independente em relação à Igreja Católica local, embora tenha o reconhecimento e a ajuda da comunidade. A falta de apoio oficial foi um dos problemas que tiveram de enfrentar.

O crescimento e aprendizado do grupo serão objeto de análise nas unidades posteriores.

Neste início, queremos pontuar os dois aspectos que possibilitaram a criação e manutenção do Cebi de Severiano Melo: o encanto original com a proposta e a união e coesão do grupo. O grupo surgiu da experiência, e a decisão de colocar em prática o aprendido conservou a existência do grupo e o sabor do primeiro amor.

²⁵ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/eventos/559582-a-biblia-e-o-grande-instrumento-de-libertacao-dos-leigos-entrevista-com-francisco-orofino>>. Acesso em: 25 maio. 2018.

CAPÍTULO 3 - CAMINHOS E APRENDIZAGENS: POR TRÁS DAS PALAVRAS

A paixão pelo Centro de Estudos Bíblicos – Cebi destacada pelos componentes do grupo de Severiano Melo nasce da admiração com a nova maneira de ler a Bíblia que é experimentada na Escola Bíblica em Governador Dix-Sept Rosado e colocada em prática nas atividades que o grupo realiza em Severiano Melo. Também está presente a relação afetiva criada no grupo. Esses dois elementos fundamentais estão presentes na origem e se mantêm atuantes na caminhada de vinte anos, provocando crescimento e aprendizagens e também abrindo horizontes e questionamentos.

Tratando-se de pessoas que participavam das atividades da Igreja Católica na sua comunidade, certamente já tinham ouvido muitas vezes a leitura desses textos. Tinham ouvido ler e alguém explicar, mas não tinham a experiência de defrontar-se com a mensagem bíblica e dela se apropriar. O estudo e a interpretação da “Palavra de Deus” estavam restritos à autoridade.

Nas décadas de 60 e 70, começaram a se multiplicar no Brasil e na América Latina a experiência de ler a Bíblia em pequenos grupos, especialmente nas comunidades carentes das periferias urbanas e no meio rural. Eram os chamados círculos bíblicos.

Em conversas com Paulo Freire, transformadas em livro²⁶, Frei Betto²⁷ destaca como o trabalho com a Bíblia em grupos populares ajuda as pessoas a dizer sua Palavra. Ele reflete sobre a experiência vivida nas favelas de Belo Horizonte como militante da Juventude Estudantil Católica, quando ainda estava na adolescência. O seguinte é bem explícito sobre o tema e mostra a concordância de Paulo Freire com a fala de Frei Betto:

Betto — ...Hoje tenho consciência de que a utilização do texto bíblico, num trabalho de cultura popular, é libertadora até pelo fato de ele ser um texto não conceitual, mas experimental-visual. Quer dizer, é uma história popular.

Paulo – Exato! Isso mesmo!

Betto – O texto funciona como espelho, enquanto o conceito abstrato está para o homem do universo popular como o avião: alguma coisa que passa muito longe, que ele jamais vai alcançar, jamais vai andar nele, entende?

²⁶ Trata-se de um dos livros “falados” nos quais Paulo Freire compartilhou ideias e experiências com outros estudiosos e educadores. Este livro específico se chama “Essa escola Chamada Vida – Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho.”

²⁷ Frei Betto integrava a equipe que organizou o Cebi, juntamente com Carlos Mesters, Jether Pereira Ramalho, Pe. Orestes Stragliotto e Rev. Correia da Cunha. Do Conselho Diretor, faziam parte os bispos católicos D. Waldir Calheiros de Novais, D. Luiz Gonzaga Fernandes e D. Vital Wilderink, o bispo metodista Revdo. Paulo Ayres, um superior religioso e dois pastores. Conforme Boletim Por Trás da Palavra nº 44, ano 8, 1988, p. 21s.

...

Betto – Pois bem: na utilização do texto bíblico, conseguimos um efeito interessante, porque as pessoas passavam a contar as suas histórias e, a partir desse “contar histórias”, chegava-se a alguns temas geradores (FREIRE; BETTO, 1985).

Como não fazer um paralelo entre o Círculo Bíblico e o Círculo de Cultura? No primeiro, o tema gerador que rompia o silêncio e permitia ao outro dizer a sua palavra era o texto da Bíblia trazido para a realidade da pessoa. Em cada encontro, a partir da leitura de um texto bíblico previamente escolhido, os participantes partilham suas impressões sobre o texto e como ele se liga a sua vida cotidiana e às questões do dia a dia da comunidade. Fazem uma releitura dos acontecimentos à luz da Palavra ouvida e discutem se a realidade na qual estão imersos corresponde à vontade de Deus.

A novidade só pode ser percebida por quem sai de sua zona de conforto e se dispõe a aprender com os pobres. Foi assim com Paulo Freire e também com Carlos Mesters. Paulo Freire, nas palavras iniciais da sua obra “Pedagogia do Oprimido”, o diz expressamente:

As afirmações que fazemos neste ensaio não são, de um lado, fruto de devaneios intelectuais nem, tampouco, de outro, resultam apenas de leituras, por mais importantes que elas nos tenham sido. Estão sempre ancoradas, como sugerimos no início destas páginas, em situações concretas. Expressam reações de proletários, camponeses ou urbanos, e de homens de classe média, que vimos observando, direta ou indiretamente, em nosso trabalho educativo. Nossa intenção é continuar com estas observações para retificar ou ratificar, em estudos posteriores, pontos afirmados neste ensaio. Ensaio que, provavelmente, irá provocar, em alguns de seus possíveis leitores, reações sectárias (FREIRE, 1980, p. 21).

Carlos Mesters, monge carmelita²⁸, se dedicou ao estudo da Bíblia em Roma e Jerusalém, defendendo tese de doutorado. Holandês de origem, chegou ao Brasil com 17 anos e saiu do país apenas para estudar. Ao retornar em 1963, atuou como professor de Sagrada Escritura. Instado pelo Concílio Vaticano II, a partir de 1969 Carlos Mesters estabelece contatos com comunidades pobres do Nordeste, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e outros estados. Durante dez anos, visitou regularmente Crateús, no interior do Ceará, a convite de D. Antônio Fragozo, sendo que em 1975 passou seis meses nessa região trabalhando a leitura da Bíblia com agricultores analfabetos.

²⁸ Ordem Religiosa ligada à Igreja Católica Romana.

Foi marcado tão profundamente por este contato que o relata no livro “Seis Dias nos Porões das Humanidade”. No livro “Por trás das Palavras”, usa uma imagem para explicar a inutilidade do conhecimento erudito sobre o Bíblia sem o contato com a realidade. Segundo ele, trata-se de um computador desligado da tomada (e hoje, diante dos notebooks e outros meios eletrônicos, temos de acrescentar: com a bateria descarregada).

Desde o início da formação das Comunidades Eclesiais de Base (Cebes), Carlos Mesters acompanha essa revolução eclesial participando dos encontros e publicando artigos em que reflete sobre as CEBs e, especialmente, sobre o modo como nelas se lê a Bíblia.

Ao refletir sobre as respostas obtidas num questionário preparatório ao terceiro intereclesial das Cebes, no livro “Flor sem Defesa”, chama atenção para o fato de todas as respostas destacarem o papel da leitura da Bíblia no fortalecimento da comunidade. Mas não havia nenhuma pergunta sobre o tema. Na mesma obra, ele partilha um testemunho anônimo:

Agora com essas reuniões da Bíblia e de comunidade, a gente vai percebendo que é gente. Muitos não percebem. Há tanta injustiça, e mais ainda até na comunidade. O que atrapalha mesmo é o medo. Um só não dá conta e fica com medo. Essas reuniões são boas porque ajudam a gente a descobrir que foi feita para ser livre (MESTERS, 1984, p. 111).

Perceber que é gente. Ou seja, passar de organismo a sujeito. Conseguir o necessário afastamento para perceber a realidade, acordando um olhar crítico. Esse processo é descrito por Paulo Freire nos seguintes termos:

A posição normal do homem no mundo, como um ser de ação e reflexão, é a de “admirador” do mundo. Como um ser de atividade que é capaz de refletir sobre si e sobre a própria atividade, que dele se desliga, o homem é capaz de “afastar-se” do mundo para ficar nele e com ele. Somente o homem é capaz de realizar esta operação de que resulta sua inserção crítica na realidade. “Admirar” a realidade significa objetivá-la, apreendê-la como campo de sua ação e reflexão. Significa penetrá-la cada vez mais lucidamente, para descobrir as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos (FREIRE, 1985, p. 19).

Essa emersão era possibilitada pela forma como a Bíblia era lida em comunidade. No livro já citado, Carlos Mesters destaca as características do método com que o povo interpreta a Bíblia e faz um confronto com o método científico usado pela exegese. Destaco o seguinte trecho, também transcrito por ele das respostas ao questionário preparatório do encontro intereclesial, que ilustra o item “Todos aprendizes da vida e do Evangelho”:

Nada é imposto, mas tudo o que vem do pessoal é acolhido. Não há professores nem alunos, porque todos se colocam em atitude de aprendizes da vida e do Evangelho. Não se procura dar resposta, mas se tenta situar

adequadamente o problema. O pessoal mais consciente diz sentir-se oprimido quando alguém toma atitude de mestre: o mestre com pretensões de transmitir-lhes sabedoria não lhes interessa. Interessa-lhes, sim, o companheiro que tem mais leitura, mas companheiro com quem se possa debater na igualdade (MESTERS, 1985, p. 124).

Percebe-se claramente a presença de vários conceitos freireanos nesse pequeno trecho: a horizontalidade dos saberes, a tensão entre a educação bancária e a educação libertadora, a busca de ser mais e a exigência de se partir da realidade e dos interesses do grupo com o qual se está trabalhando. Só para citar os mais evidentes.

Socorro, participante do Cebi de Severiano Melo, destaca essa horizontalidade dos saberes em uma de suas falas: “E o Cebi tem um destaque: aqui ninguém é melhor do que ninguém. Aqui todo mundo está aprendendo.”

No Círculo de Cultura, a participante Teresa relembra um fato que demonstra como o Cebi acolhe e escuta os diferentes:

Seu Chico das Redes, um homem super-humilde. Ele sabia ler e escrever, né? Sabe... Mas muita humildade. Mas um conhecedor da palavra de Deus muito grande, né? Enquanto Padre Netinho tava lá fazendo a reflexão dele, ele lá da assembleia dizia alguma coisa, né? Se “intrometia” na homilia e acrescentava alguma coisa. Então, é... Seu Chico das Redes, né? Foi da minha turma e eu acho que ele... Ele... Se ele tivesse aqui já ia... Ele não ia deixar ninguém falar, não é? (risos). Porque ele... Ter essa eterna gratidão, né? Da Escola Bíblica, porque era uma abertura. Essa abertura muito grande, dele ter o conhecimento, mas tinha essa aceitação. Não é? De querer saber mais, né? (TERESA).

A escola Bíblica abriu espaço para ouvir o senhor Chico das Redes, que, pelo relato, tinha o hábito de ler a Bíblia, porém, sem um olhar crítico. No grupo, ele se sente à vontade para dizer sua palavra sem se intrometer na fala do outro²⁹. Nesse diálogo, ele também aprende, e mesmo já tendo concluído a escola em uma turma, quer voltar nas seguintes.

Na verdade, o método de Leitura Popular da Bíblia proposto por Carlos Mesters e aplicado pelo Cebi sistematiza essas experiências e pode ser resumido no chamado triângulo hermenêutico, representado na figura seguinte.

²⁹A homília na qual seu Chico “se metia” é o espaço oficial do ensino do sacerdote dentro da liturgia católica. O padre fala e todos calam e ouvem sem poder retrucar.

Figura 8: Triângulo Hermenêutico



Fonte: www.cebi.org.br

Nos três ângulos, temos: realidade, texto/Bíblia e comunidade. A figura é um triângulo, mas também poderia ser representada por um círculo ou uma espiral, pois inexiste uma definição rígida por onde se deve começar. Pode ser pelo texto, pela vida da comunidade que lê ou pelos apelos da realidade na qual o grupo está inserido. A leitura nunca é feita individualmente e nem de forma alienada. A atenção ao texto exige que se evitem leituras descontextualizadas ou fundamentalistas, respeitando a época em que foi escrito, o gênero literário e o lugar social de sua elaboração. Não se trata de um processo encerrado em si, mas aberto a novas perspectivas e enfoques.

Essa possibilidade de desvelar a realidade a partir da Leitura Popular da Bíblia é destacada por Andréia:

O trazer para o hoje é importantíssimo, a gente percebe que tem que ter em cada conteúdo, em cada atividade, realização de trabalhos em grupos, quando a gente faz em cada etapa, tem que trazer para o hoje, então a gente vê que desperta, assim, nossa, eu não sabia como a Bíblia é tão atual, né? É tão atual, tem tanto a ver com a nossa realidade. Isso a gente percebe que há um brilho, como houve com a gente quando a gente tava estudando, pra eles também (ANDRÉIA).

Para favorecer a participação, usam-se dinâmicas e instrumentos didáticos como as encenações, cartazes, mapas, canas mudas e poesias que instigam os sentidos e a memória e o gosto por fazer parte dessa experiência. Fazendo do encontro “Naquela hora prazerosa e divertida dinâmica”³⁰

³⁰Definição de Maria Antônia, conforme se verifica nas transcrições das falas.

Trazemos o testemunho de Maria Antônia sobre o tema:

E outra coisa importante também que me fascinou foi a metodologia: a forma como a Escola acontece, os detalhes, planejamento, os momentos de oração, detalhes, cartazes, o que é dito, a forma como é dito... Tudo facilitou muito a compreensão e o apego à Escola, gostar da Escola Bíblica. É muito difícil encontrar uma pessoa que não gosta de fazer a Escola Bíblica (Maria Antônia).

Maria Antônia detalha mais a sua opinião sobre a importância da metodologia utilizada na conversa em Tibau. Vejamos:

Foi surpreendente, e até hoje, às vezes, eu converso com Damiana. A gente acha que, apesar de ter feito e sempre ajudou as meninas e tá vendo a abordagem do conteúdo, mas sempre que tá abordando o tema a gente tá lá, sempre tem mais alguma coisa ainda pra descobrir, né? E pra firmar mais aquele conhecimento e uma coisa assim pra mim com CEBI que aprende muito a sala de aula, os meninos mesmo os alunos são, a metodologia, é muito importante a metodologia, a dinâmica de passar os conteúdos, aquele uso das primeiras aulas, usava muito cartaz, muitas frases, palavras, teatro, orações, muitos elementos, simbologias. Isso aí era algo muito novo, aí prendia muito a atenção da gente, é uma dinâmica bem diferente (MARIA ANTÔNIA).

Como seu Chico das Redes, citado anteriormente, Mara Antônia também entende que “sempre tem mais alguma coisa para descobrir”. O tema é a porta de entrada para outros conhecimentos. O grupo que compõe a escola é diferente, a realidade é outra, portanto, o aprendizado, as opiniões e as problematizações levantados são diversos. Cabe aqui invocar a figura da espiral, ascendente. A cada vez que se misturam e circulam o texto, o contexto e a realidade, o resultado é outro e tudo começa de novo.

O forte na experiência do Cebi de Severiano Melo é a realização das chamadas “Escolas Bíblicas Populares”, que têm o objetivo de formar animadores para facilitar a leitura bíblica popular em suas comunidades. Ao longo de vinte anos, aconteceram seis escolas, compostas de oito encontros temáticos. No relatório de atividades elaborado no início do ano de 2017³¹, elas são detalhadas: 1997 – primeira escola bíblica, 1999-2000 – segunda escola bíblica, 2004-2005 – terceira escola bíblica, 2009-2010 – quarta escola bíblica, 2013-2014 – quinta escola bíblica, 2017 - 2018 – sexta escola bíblica. Nessas seis escolas, tivemos um total de 227 pessoas matriculadas, das quais, 118 concluíram toda a escola.

³¹ Cópia anexa.

No intervalo entre uma escola e outra, a equipe de assessoria continuava se encontrando, seja para aprofundar e estudar a Bíblia ou livros; assessorar grupos e temas específicos ou participar de encontros e celebrações com outros grupos do Cebi nas cidades próximas ou fora do estado.

Os relatos e as falas não deixam claro se as pessoas que eram formadas na escola tinham um acompanhamento, incentivo ou estímulo para realizar a Leitura Popular da Bíblia nos seus locais de origem.

Talvez pelo nome Escola Bíblica, adotado para esses processos de formação inicial na Leitura Popular da Bíblia, algumas assessoras que também são professoras comparam papéis exercidos nos dois espaços. Andreia chega a declarar que decidiu ser professora quando começou a participar do Cebi:

Você falando aí da história do antes e o depois, eu já digo também o durante. É porque eu comecei mais jovenzinha. Era a caçula, ainda sou a caçula, continuo sendo a caçula, e aí eu percebi que eu ainda não fazia faculdade. Eu percebi que a minha escolha da minha primeira faculdade, que foi história, já foi uma influência de conhecer a história da Bíblia, a história que a gente fez na faculdade. Daí foi um conhecimento, como eu falei no Círculo de Cultura, da minha vida pessoal dentro do CEBI, o quanto eu fui amadurecendo com minhas escolhas também profissionais. Como eu via que todas eram professoras, me tornei professora também.

A fala de Jória é explícita quando ela comenta sobre a metodologia e as dinâmicas utilizadas nos encontros e diz “por sermos professoras, de certo modo pra exegese gente tentar atrair sem tirar aquele lado de sala de aula, por exemplo, é uma escola, mas que não sejam as aulas chatas como as nossas aulas”.

Há resquícios de uma visão bancária da educação, embora inconsciente. O uso do termo atrair guarda uma proximidade semântica com o termo persuadir, criticado por Freire no livro “Extensão ou Comunicação”. Porém, também se diz que é uma escola diferente. A diferença está nos aspectos já salientados anteriormente que dizem respeito aos objetivos do Cebi e sua forma de olhar a Bíblia e a realidade.

O relatório das atividades desenvolvidas esclarece que o grupo também se preocupa com a finalidade das escolas e em questionar os sentidos das escolas. Tanto é que:

E a própria Coordenação decide não abrir Escola em 2002/2003, para formar melhor os assessores, então participamos de cursos e conseguimos nos reunirmos algumas vezes aqui na comunidade para estudarmos. Socorro, Jório, Emirene e Genó, fizemos um estudo do livro de Luíz Carlos, o criador

das Escolas Bíblicas Populares, “O Espírito e a Palavra”, que nos preparava melhor espiritualmente para fazermos uma III Escola Bíblica. Passamos 2003 e início de 2004 tentando nos preparar melhor para isso.³²

Outros momentos de estudo e questionamento da própria atuação aconteceram com a consciência do inacabamento do ser pessoal e comunitário e a necessidade de sempre aprender mais e questionar as próprias certezas, pois o conhecimento sempre evolui, e aprender é a outra face do educar. Ao elencar os Saberes Necessários à Prática Educativa no livro “Pedagogia da autonomia”, destaca a exigência do educador ter reflexão crítica sobre a prática, consciência do inacabado e rigorosidade metódica. Quanto à rigorosidade, as cebianas se cobram muito, a ponto de Socorro Holanda afirmar que “a gente chega a marcar três encontros para poder preparar uma etapa”.

Neste diálogo transcrito da conversa em Tibau, as participantes se referem às mudanças que correram nelas e na forma de ver a Bíblia e ao compromisso religioso e social a partir da sua participação no Cebi:

ANDREIA — É tanto que Maria Antônia diz: Ave Maria, foi tão bom o conhecimento. Eu acho que tá abrindo mais a mente, digamos assim, né?
MARIA ANTONIA — Digamos assim, uma ruptura enorme, pra mim foi assim, visões tradicionais e religiosas que a gente tinha, né? Passadas pra nós, nossos pai. Foram grandes surpresas
SOCORRO — Vovó só queria rezar

É destacada a evolução de uma visão mágica da realidade e uma “abertura da mente” para perceber na realidade aspectos antes não vistos. O participante Sérgio afirma a mesma coisa na sua fala pelo menos duas vezes. Essa fala será analisada na próxima unidade temática.

A abertura da mente tem a ver com o olhar crítico despertado. O desafio é sair da leitura ingênua que vê somente os problemas e desafios da realidade sem se perguntar sobre as causas.

A mudança do olhar inquieta e leva a uma mudança e crescimento. No caso do Cebi de Severiano Melo, as reações foram diversas. Algumas despertaram para um compromisso político e outras criaram um vínculo maior com a comunidade católica local, assumindo serviços e pastorais. Vejamos aqui os depoimentos das pesquisadas sobre o tema:

Estudar esse novo jeito de ver a Bíblia e o CEBI foi realmente um divisor de águas. Como ela falou, a gente se redescobre, né? Como Josy falou. Eu vi que minha caminhada de catequese todinha eu já passei a ver de outra maneira, já

³² Trecho do relatório das atividades do Cebi Severiano Melo elaborado por Socorro Holanda, cópia em anexo.

participava assim de algumas coisas dos movimentos sociais, mas ingressei, né? No sindicato, SINTE, que hoje é representado pela Escola. E só veio abrir a minha mente, a minha... Só veio a fortificar cada vez mais a caminhada de comunidade (SOCORRO HOLANDA).

E o que o CEBI mudou na minha vida, né? Foi através dos... Da minha inquietação (que eu sou muito impaciente), e quando eu conheci a história do CEBI, quando eu passei a estudar a Bíblia, que marcou na minha vida foi a história dos profetas: de anunciar, de denunciar, de não se calar com aquelas injustiças. E é tanto que hoje eu estou à frente de um sindicato dos servidores públicos, quatro municípios: da minha cidade Severiano Melo, de Rodolfo Fernandes, Itaú e Tabuleiro Grande, né? Não é uma tarefa fácil... Aí eu acho, claro que eu não sou nem de dizer assim: “igual aqueles profetas”. Não. Mas foi através da Escola que eu aprendi e que me chamou e que mexeu comigo e fez com que eu... Estar à frente. E que hoje a gente sofre muito, assim porque a gente, de uma certa forma, nós estamos lidando diretamente com os poderosos. São quatro poderes que eu tô lidando durante... Essa é a minha segunda gestão. E eu tô lá, em defesa do trabalhador, do menor. Então, eu acho que o que me fez tomar frente, e tô lá, na luta e tudo, mesmo sendo apedrejada de tudo. Então eu, eu... Atribuo ao conhecimento da Escola Bíblica, do que eu tive da... Da Bíblia, né? Através do CEBI e, principalmente, eu me identifico com a história dos profetas (EMIRENE).

E a Escola Bíblica, o CEBI, né? De modo geral, me ajudou muito porque foi o período assim da minha adolescência. Então eu não tive muito problema, como... Maria Antônia colocou aí de confronto, né? Com a história da Bíblia. Eu tava iniciando meu processo de conhecimento, de sede, eu sempre tive uma sede de lutar, né? De entender por que as lutas de hoje... Tentar aí compreender porque tantas lutas, tantas confusões, tantas guerras, tantos conflitos na Bíblia. Isso me fez também... Hoje eu gosto tanto de participar dos movimentos. (ANDREIA).

Porque esse lado social que fala do CEBI, esse lado social, eu acho assim: nós lá da EBIP, nós não temos tanto, mas nós temos mais de formação de agentes. Nossa escola tem mais essa função de formação de agente para melhorar nas pastorais do que o próprio lado, vamos dizer assim, de luta, de conquistas. ...

Pra mim, CEBI, desde pequena minha família é católica e eu fui já atuante de igreja, de movimento de igreja, desde pequenininha eu metida, mesmo adolescente, já ia com meu irmão para o grupo de jovens, mas assim com a escola bíblica vem a responsabilidade, com a leitura da Bíblia eu tenho que agir. Eu acho que foi com a parte da escola bíblica que veio esse agir... Não só o agir nas minhas atitudes, nas minhas ações, mas nas pastorais que eu faço parte, no meu trabalho, na minha casa (JÓRIA).

Embora Jória declare que a formação nas escolas bíblicas não olhe tanto para o lado social, a participação no Cebi e na forma de ler a Bíblia com o povo desperta ou confirma compromissos. Com a escola bíblica, vem a responsabilidade. Os caminhos tomados foram diferentes, pois diferentes são as pessoas. Mas o que fica claro na fala de todas é a marca que o

Cebi imprimiu na vida delas, auxiliando no amadurecimento pessoal, nas escolhas profissionais e na construção da personalidade e maturidade.

A atração pela profecia, o choque inicial com a desmistificação da leitura devocional, o encontrar-se na proposta, o desejo de entender e de participar de lutas, a formação de pessoas para atuar nas pastorais da comunidade católica local. Desejos e descobertas que não ficaram restritas ao interior de cada uma delas, mas se desenvolveram com a criação do grupo de estudo e assessoria.

Uma das “meninas” chega mesmo a afirmar que a forma de reação depende de cada uma e de suas experiências anteriores. Mas nunca mais nada foi como antes. Quem se sente atraído pelos profetas desperta para o anúncio e a denúncia, como fez Emirene, ou para a política, como fez Socorro.

Essas reações não são exclusividade de Severiano Melo. Pelo contrário, Francisco Orofino afirma que esse quadro é comum nas comunidades/igrejas que adotam a prática da Leitura Popular da Bíblia:

Geralmente, em todas as comunidades, há pessoas que se identificam com um destes três aspectos: 1. pessoas que querem conhecer a Bíblia e que se interessam mais pelo estudo; 2. pessoas que insistem mais na comunidade e nas suas funções internas; 3. pessoas mais preocupadas em transformar a realidade, servindo ao povo na política e nos movimentos populares. Tudo isto produz tensões entre os vários grupos e interesses. Estas tensões são saudáveis e fecundas. Por exemplo, em alguns lugares, a prática política mais intensa dos últimos anos está pedindo, agora, um conhecimento mais aprofundado do texto bíblico e do contexto social, onde este texto foi produzido, e uma vivência comunitária mais intensa da espiritualidade da libertação. Em outros lugares, a vivência comunitária chegou no seu limite e está pedindo uma ação mais engajada nos movimentos populares. Com outras palavras, as tensões ajudam a criar um equilíbrio que favorece a interpretação da Bíblia, e impedem que ela se torne unilateral. Às vezes, porém, estas tensões são negativas e podem levar cada um dos três aspectos a se fechar sobre si mesmo e a excluir os outros dois. O itinerário da interpretação popular, muitas vezes, é tenso e completo, com risco de fechamento e de retrocesso (OROFINO)³³.

³³ Francisco Orofino, presidente do Cebi Nacional nos anos de 2008 a 2013 - A RECEPÇÃO BÍBLICO-PASTORAL DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS NA AL E A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA – Disponível em: <www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/147>. DOC. Francisco Orofino, presidente do Cebi Nacional nos anos de 2008 a 2013.

De fato, é preciso cuidado para que o processo da Leitura Popular da Bíblia não seja somente sobre informações e conhecimentos a respeito da Bíblia, embora seja natural a curiosidade e as perguntas dos que buscam uma formação nessa área. Mas o estudo realizado nos mais diversos âmbitos deve integrar questões fundamentais, como a sensibilização, a conscientização, o empoderamento e a ativação pessoal e comunitária, com vistas à mudança e a libertação em sentido pleno.

É necessário evitar o fechamento em grupos e interesses locais e a imposição de verdades ou doutrinas. O processo deve propor problematizações que despertem, no outro, questionamentos sobre a vida e sobre os saberes.

Em Severiano Melo, as tensões foram fecundas, principalmente porque a caminhada de vinte anos fortaleceu a intimidade, a solidariedade e a união do grupo. É difícil até dizer se o Cebi sobrevive por causa da amizade das “meninas” ou se foi o Cebi que fortaleceu a “amizade”. Mas o testemunho de carinho e confiança como fundamental para a manutenção do grupo é unânime.

O que faz a gente unida até hoje é porque uma diz pra a outra, assim na cara, né Emirene?! “Andreia, tá errado isso. Pense em fazer diferente. É melhor assim.” E o “melhor assim” acontece porque cada uma de nós consegue dizer. Inclusive, até na nossa vida pessoal. Se a gente tá com um problema: “Gente, eu não vou poder ir hoje, eu não vou poder chegar hoje mais cedo por isso e por isso”. Quando a gente diz o motivo, a gente não precisa mentir, não precisa esconder, não precisa desligar o celular. A gente diz e a outra comenta... “Não se preocupe, pois eu vou buscar você”, “Pois vai dar certo”, “Pois traga os meninos”... E isso é muito importante (ANDREIA).

E quando eu peguei essa outra foto aqui, é o nosso grupo, que eu adoro de paixão essa foto, porque são um grupo que faz agora, 20 de julho, vai completar vinte anos de história no CEBI de Severiano Melo e permanece o mesmo grupo. É um grupo que, assim, que eu também sou apaixonada, no sentido que nós somos companheira tanto na escola como fora. É uma intimidade tão grande que a gente pode chegar e dizer o... “ói, Andreia, você fez isso, não tá correto”. É um grupo assim... Muito... (fez um gesto de união) (EMIRENE).

Na conversa em Tibau, o grupo lembrou de um grande baque no início do ano de 2017, quando Socorro Holanda quis se afastar da equipe por estar morando em Mossoró e passando por problemas de saúde pessoal e na família. Houve até choro. Mas o coração falou mais forte e Socorro permaneceu.

Os seres humanos não são máquinas e os elementos subjetivos que levam os grupos e as pessoas a se atrair e permanecer juntas são tão importantes quanto as decisões e análises objetivas. Se o encantamento atraiu-as ao Cebi e o trabalho ao longo de vinte anos fortaleceu a identidade, a amizade sustentou tudo e dá também a satisfação e a alegria de conviver e querer bem, além das atividades em comum que são realizadas.

O amor permite até mesmo chamar a atenção quando a outra está errada, pois o amor não se cala, mas deseja o bem da pessoa amada e permite o diálogo. Num mundo de relações líquidas e efêmeras, as relações profundas dão segurança e coragem para caminhar. O Cebi de Severiano Melo teve a graça de receber, guardar e cultivar esse presente como elemento essencial para o crescimento.

Confiança e reciprocidade presentes na experiência criaram um vínculo crítico e amoroso, que a transformaria numa unidade cooperadora, base da convivência autêntica.

Na sua vida, Paulo Freire passou por diversas situações nas quais a amizade lhe deu guarida e até oportunidades de emprego e acolhida no exílio. Fazia questão de partilhar os escritos com os amigos aos quais pedia opiniões. No exílio, a sua casa tornou-se ponto de encontro de outros brasileiros exilados, criando um clima de camaradagem. Segundo ele, um dos requisitos necessários ao educador é a capacidade de querer bem ao outro. “O amor é um ato de coragem [...] o ato de amor está em comprometer-se com a sua causa. A causa da libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico” (FREIRE, 1980, p. 80).

CAPÍTULO 4 - AÇÕES E REAÇÕES: COMO ÁGUA QUE PENETRA LENTA E PROFUNDAMENTE NA TERRA

Em nível nacional, os processos de educação no CEBI se desenvolvem em grande diversidade de locais, temas e níveis, como uma grande “universidade popular”³⁴, como chama Sebastião Armando em muitos níveis: círculo bíblico em comunidades; escolas bíblicas para a formação de animadores e animadoras de base; encontros de formação; escolas bíblicas de obreiros e obreiras; cursos de aprofundamento variados; cursos de nível universitário; especialização em nível de pós-graduação. Níveis de formação que se comunicam: exegetas leem a Bíblia junto com pessoas do povo; “agentes de pastoral” participam de equipes de trabalho e de estudo com gente da base; poetas populares, homens e mulheres sem formação acadêmica chegam até a publicar livros e, assim, partilhar suas experiências de encontro com a Palavra de Deus na vida de cada um e da comunidade.

Na cidade de Severiano Melo, as escolas bíblicas assumem sua pertença e identificação com o Cebi e são reconhecidas como tal. As escolas bíblicas são sua carteira de identidade.

O poeta popular Henrique Tadeu Praxedes Dantas, natural da cidade e que participou da segunda escola bíblica promovida pelo Cebi local, fez uma poesia comemorativa aos 20 anos de atuação do Cebi na cidade e intitulou-a: “Escola Bíblica de Severiano Melo (20 Anos)”. Não vamos transcrever toda a poesia, mas apenas alguns trechos que mais guardam ligação com a pesquisa³⁵.

Na primeira estrofe destacada, o poeta registra sua ligação com o grupo:

Desejo aqui registrar
Com grande satisfação
Que estive na segunda escola
E foi boa a participação
Ainda hoje sou grato
Pois contribuí de fato
Para a minha formação

Segue-se o agradecimento às “meninas” que compõem o Cebi local e o reconhecimento dos frutos colhidos, especialmente com o ingresso de diversas pessoas nas equipes de serviço da Igreja Católica da cidade:

³⁴Expressão cunhada por Sebastião Armando ao refletir em seu blog sobre a experiência do Cebi. Sebastião é de Recife, atualmente Bispo Anglicano emérito. Foi também diretor nacional e coordenador do Programa de Formação. Disponível em: <http://domsebastiaoarmandogameleira.com/uma-experiencia-popular-de-educacao-teologica-o-centro-de-estudos-biblicos-cebi/>. Acesso em: 16 jun. 2018.

³⁵A poesia na íntegra consta dos anexos a esta dissertação.

Tamanha generosidade
Das meninas que compõem
Esse quadro de docentes
E ao mesmo tempo dispõem
De uma dedicação sem igual
Nessa área pastoral
Naquilo que se propõem

Pro nosso contentamento
Bons frutos foram colhidos
Aqui mesmo nessa Escola
Todos eles escolhidos
E por toda região
Temos muitos em missão
Em pastorais envolvidos

De fato, o grupo é um marco e uma referência. Pelo menos para a comunidade católica da cidade e da região. Yure Paiva, que participou do Círculo de Cultura, reconhece essa realidade e a destaca:

O CEBI, certo? De Severiano Melo é, de fato, um marco primordial. A caminhada do CEBI aqui na comunidade de Severiano Melo, a gente escuta os depoimentos aqui, mas existem muitos outros que não vieram aqui que também têm esses depoimentos, que também têm essas histórias e outras histórias, sempre de referência de que o CEBI ajuda de fato a fazer com que as pessoas, elas sejam protagonistas da sua história, que sejam de fato homens e mulheres melhores, que precisam passar dessa vida fazendo o bem fincado na verdade.

Maria Antônia, colaboradora mais próxima das “meninas” e que entrou na caminhada desde a segunda escola bíblica, também faz este destaque: “Então, assim, o CEBI fez diferença e continua fazendo na vida de muita gente, na minha e na comunidade. É uma referência”.

Essa referência passa também por trazer mais proximidade e identificação entre os participantes das escolas, que passam a se conhecer melhor nas etapas da escola bíblica. Isso gera certa unidade na paróquia católica local, que engloba várias cidades. Pelo menos essa é a avaliação de Jória e Andréia:

Outro ponto positivo também da nossa escola, eu atribuo à escola, né? Que é de certo modo que de unificação na paróquia, porque nossa paróquia é grande, são três cidades, que se você for falar com qualquer padre que já passou por lá é muito diferente Itaú Rodolfo Fernandes e Severiano Melo, são diferentes, mas de certo modo a escola bíblica tentou unificar a onde a gente foi lá era daquela turma, lembra? Eu era da turma, ficam se conhecendo (JÓRIA).

Até mantendo contato também lembra a questão de alguns grupos, né? Quando se encontram pastorais e tudo ficam repassando uma coisa pra outra (ANDRÉIA).

De fato, nas Igrejas as chamadas pastorais e movimentos o mais comum é conviver em grupos fechados, seja por idade, afinidade ou atuação específica na comunidade eclesial, tais como jovens, casais, catequistas e responsáveis pelas celebrações. Até mesmo os encontros de formação são específicos. As escolas bíblicas são abertas a todos e contribuem para a convivência na diversidade. As discussões partem do texto bíblico, mas estimulam o olhar para a realidade. Assim, as pessoas podem expressar seus pensamentos e suas experiências pessoais, profissionais e pastorais. Ficam “se conhecendo” não apenas de rosto. Podem mudar os padres e a forma de organização da paróquia, mas os laços e uma certa unidade continuam.

Esta reflexão de Francisco Cornélio, hoje padre da Igreja Católica Romana e que participou da segunda escola bíblica, confirma esta impressão:

E eu peguei uma foto da conclusão. Eu tinha muita coisa ainda mais para falar, mas vão dizer que é porque é o padre e... (risos). Bom, aqui está uma foto... Disseram que não tinham encontrado foto comigo, não foi? Eu fui direto. Talvez porque a cabeça é grande aí eu... (risos). Fui imediatamente e peguei essa foto, que foi a conclusão. E Zélia falava a importância do ser Igreja e do CEBI para esse ser Igreja. Aí ela falava: o padre vem e passa. Mas, Severiano Melo passou muito tempo sem o padre nem sequer vir, né? Sem o padre vir, nem passar. E acredito que o que ajudou a manter, de fato, além da devoção popular, uma comunidade ativa, uma Igreja forte, foi exatamente o fato de essa comunidade estar alicerçada na Palavra. Na Palavra crente, na Palavra que realmente traduz a Palavra que Deus quis transmitir, a Palavra que tá escrita, e foi nessa Palavra que a comunidade se alicerçou e por isso ela tem uma base muito forte.

Nas falas das pessoas que participaram do Círculo de Cultura, se percebe o orgulho e prazer em fazer parte da escola e o estímulo para outros e outras viverem esta experiência e a partir dela se aproximarem mais da comunidade. Nilsa resume este sentimento na seguinte fala:

Eu fiz a Escola Bíblica em 2005, né? Como as meninas já falaram aí, quem passa pela Escola Bíblica já tem um olhar bem especial, digamos... Nas leituras. Só que a cada dia você vai se redescobindo, coisas novas, vai entendendo de uma forma diferente, né? E hoje também eu faço parte... Eu sou daqui, mas é aqui e na minha comunidade também. E também eu já passo a incentivar as pessoas também. Quando eu ouvi falar que ia abrir a nova turma, aí eu já coloquei: “Gente, façam a Escola Bíblica, que é muito bom!”. E eu sempre tô incentivando as pessoas lá a se engajarem: “Se engajem! Vamos entrar! É bom!”

Além do carinho e identificação citados (e resumidos na frase “eu também faço parte dessa história”), Nilsa destaca o olhar “especial” que adquiriu nas leituras e nas coisas novas as quais foi apresentada.

Para Damiana, a transformação não se deu apenas na sua forma de olhar a Bíblia, mas o primeiro encontro com o Cebi Severiano Melo ajudou-a a vencer dificuldades na sua vida pessoal.

É... Eu sou Damiana, como ela já iniciou. Fiz parte da primeira Escola. Realmente, assim, como já foi muito colocado: realmente é uma transformação na nossa vida, na vida de quem faz. Não sei, de jeito nenhum, a mesma pessoa depois de uma Escola dessa. É tanto que, na época, né? Eu tirei essa foto aqui (mostrando a foto) porque eu lembrei bastante. É... Na época em que eu fazia essa escola, meu filho mais novo (ele era novinho, ele tinha um ano e pouco) e assim... Eu morava num sítio e eu trazia muito ele já... Ele pegava no sono, o espaço... A gente não tinha espaço certo como tem hoje. Eu forrava panos no chão, colocava ele, mas não desistia. Porque realmente era um chamado de Deus para aquele momento. Muito forte! Um momento de transformação! Muito mesmo! Deus prepara a gente na hora certa, nos chama, né? É... Passei por muitos momentos difíceis. Aquele momento, é... Na minha vida conjugal que... E foi incrível como o que eu tava vivendo, a história do povo de Deus... Como me ajudou a viver aquele momento da minha vida, da minha família. Então, assim: foi uma luz.

O fato de sair de seus problemas cotidianos, levando o filho pequeno e continuar na escola sem desistir, já mostra a força do encontro com o Cebi na vida de Damiana. Ela usa vários adjetivos e expressões para tentar descrever a sensação: “transformação”, “não sei”, “chamado de Deus”, “muito forte” “foi uma luz”. Ela de repente ligou a sua existência às histórias e lutas descobertas na Bíblia. “Eu tava vivendo a história do Povo de Deus”.

E ela, que em diversos momentos ao longo desses 20 anos integrou a equipe do Cebi de Severiano Melo, continua seu relato destacando a novidade de cada escola e o constante aprendizado

Então, assim, e aí eu digo a vocês: e a cada Escola, pra mim, é uma nova aprendizagem. Por mais que estar junto com elas estudando, é uma transformação de vida. Tanto na minha vida pessoal, como Igreja, como Ministro, como também como família e também como missão que já tenho, né? Várias, que a gente vai pegando no dia a dia... E a gente vê como essa educação, essa aprendizagem que a gente aprende aqui no CEBI, quanto é importante na nossa vida do dia a dia, tanto na nossa sala de aula, que nos contribui bastante, certo? Na nossa educação como professora lá, ela ajuda bastante, muitos momentos da... Da minha carreira, da minha carreira profissional, como também na minha missão de Igreja. Então agradeço de coração a essa equipe que se doou a esses estudos e que estão aí estudando para a cada dia passar cada vez melhor para esses novos, é... Pessoas, irmãos, que estão na busca desse conhecimento tão gostoso que é aprender, né? Conhecer a nossa história, a história do povo de Deus, do nosso Deus. Então, obrigada, meninas.

Descobrir no cotidiano a presença do transcendente e contemplar o mistério que cerca a existência é o papel da religião. O conhecimento se liga com os anteriores e abrem as portas para novas possibilidades. Todas as dimensões da existência são inundadas por este inominado, desvelando a mística essencial que alimenta a resistência e nos leva a seguir em frente. As palavras são pequenas para revelar a emoção e a revelação. Apelamos para Paulo Freire, que nos recorda sempre a incompletude do ser.

Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha a ligação com seu Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação. Daí que a Religião — *religare* — que encarna este sentido transcendental das relações do homem, jamais deva ser um instrumento de sua alienação. Exatamente porque, ser finito e indigente, tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua fonte, que o liberta (FREIRE, 1982, p. 40).

De modo geral, quem participa ou participou das atividades do Cebi em Severiano Melo guarda uma memória afetiva desse momento. Reconhece a sua finitude e indigência e encontra no Cebi um espaço de crescimento. Mesmo mudando de cidade, procura se integrar ao Cebi aonde chega, como testemunha Josy:

Na verdade, eu me chamo Josiane, sou do sítio Malhada Vermelha. É... Falar do CEBI para mim é sempre associar à acolhida, sabe? Eu não consigo desassociar. Pra mim, o CEBI sempre foi um espaço de muita acolhida, de muito aconchego. Nesse momento eu digo com certeza e com gratidão também em fazer parte do CEBI. No processo... No momento em que eu fiz parte do CEBI, da Escola Bíblica daqui de Severiano Melo, eu lembro que eu vinha... Vinha dona Nercy (que é uma pessoa da comunidade), vinha Apolônia e vinha eu, né? Vinha essas três pessoas e normalmente nós vínhamos a pé. Aí regressar normalmente nós pedíamos carona ao pai de Jória e ele dava porque era irmão de dona Nercy (risos). Era uma questão de porque era irmão (risos). Então... É, esse processo... Esse processo de fazer parte do CEBI foi uma coisa muito gratificante pra mim. É tanto que quando eu fui pra Mossoró, morar em Mossoró... Eu chego em Mossoró e procuro o CEBI porque eu dizia que era ali que eu ia me sentir bem. Vou pra Pernambuco, pra cidade de Recife e chego em Recife e procuro o CEBI também. A primeira intenção minha foi procurar o CEBI como uma forma de me sentir em casa. Porque era no CEBI que eu ia ser acolhida, que eu ia me sentir mais à vontade nesse espaço de partilha. Então desde o início, desde 99 que o CEBI... Eu acompanho o CEBI e o CEBI me acompanha. Um processo de construção, né?

Josy destaca elementos fundamentais presentes na construção da comunidade e na perspectiva da Educação Popular. A origem popular e as dificuldades para participar das etapas indo a pé ou de carona. O reconhecimento de estar participando de um processo de construção

pessoal e social que nunca termina. As relações de fraternidade e acolhida que fazem com que ela procure o Cebi nos outros locais onde vai morar, Mossoró e Recife, pois lá podia se sentir em casa.

Ela revela também que o grupo de Severiano Melo se insere na dinâmica do Cebi Regional e Nacional, pois os locais e as pessoas diferem, mas os temas trabalhados, a metodologia e a espiritualidade bebem da mesma fonte.

Francisco Cornélio se refere ao fato de se identificar com o Cebi e reconhecer quem partilha da dinâmica da Leitura Popular da Bíblia, até mesmo pelo jeito de falar. E, mais ainda, sente continuar a história narrada pelo texto sagrado.

Como a história cria laço, né? Então, o que um vai contando é, na verdade, a contemplação do que o outro já contou. Mas Corrinha falou uma coisa muito interessante logo na apresentação do que é o CEBI: é um modo de ler a Bíblia, vendo nós mesmos dentro dela. Então, o que eu mais aprecio e apreciei ao longo do tempo, foi exatamente essa dimensão: saber que eu estou dentro dessa história. Ela foi construída por gente como eu, por gente como cada um de nós. Já é um ponto que quebra muitas barreiras do modo de como a gente vai encarar, como a gente vai lê-la, né? Folhear. Então, saber que ela não caiu do céu, ela não veio do além, mas foi gente como a gente que a construiu. Acredito que é um livro de Carlos Mesters, não é? Um Livro Feito em Mutirão. Tem um título de um livro dele que tem exatamente essa palavra “mutirão”, como é de fato a Bíblia. Então, como se falava: o que a gente leva, pra onde vai, a unidade que permanece, embora as dispersões sejam inevitáveis, né? E mesmo quando se perde o contato íntimo, a proximidade, mas a gente leva um pouco do outro, aquilo que foi construído junto e até hoje eu identifico escutando alguém pregar, alguém falar da Bíblia, eu identifico quando alguém teve uma formação do CEBI. Quem passou pelo CEBI é reconhecido por outro que passou pelo CEBI, por modo de lidar com a Palavra. E isso é uma chave e é um elo de ligação, como Josyane disse, que onde chega, procura. Mas, mesmo se não procurar, ao ouvir eu já identifico.

O primeiro contato de Cornélio com a Leitura Popular da Bíblia foi no Cebi de Severiano Melo. Na época, ele era muito jovem e vinha para os encontros numa bicicleta emprestada saindo de sua comunidade de São Dimas, lugarejo situado entre a cidade de Severiano Melo e o distrito de Melancias, no município de Apodi.

A unidade permanece mesmo diante das dispersões que são inevitáveis. Levar um pouco do outro a partir do que foi construído junto. Cornélio deixa transparecer que incorporou a metodologia de ver o texto dentro do contexto em que ele foi escrito e da realidade em que se vive, descobrindo elos de ligação e se engajando no grande “mutirão” de construção da história. Se a história é feita por homens e mulheres e não uma sina ou uma imposição do mundo divino, ela pode ser mudada.

A identificação passa pela subjetividade das pessoas e tem raízes nas suas experiências de vida e suas lutas. O grupo de trabalho 6 da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, dedicado à Educação Popular, na sua apresentação oficial já destaca a influência das subjetividades no surgimento e manutenção dos movimentos sociais.

De um lado, a explicitação destas relações de poder coloca em questão o próprio estatuto de cientificidade do saber acadêmico que, por sua configuração epistemológica, tem negligenciado dimensões essenciais da realidade e da prática social. De outro lado, os diferentes sujeitos sociais que emergem no cenário político e cultural reivindicam o reconhecimento da diferença de suas identidades, de suas práticas, de seus saberes e de suas culturas, ao mesmo tempo que a igualdade de oportunidades e de direitos no jogo social de poder. Os campos da cultura e da constituição das subjetividades, aparecem como espaços privilegiados de luta, tão importante quanto os campos político, econômico e ecológico.³⁶

Embora o estudo da ANPED nada fale sobre os grupos ligados à Teologia da Libertação, já foram explicitadas neste trabalho as identificações e influências entre estes campos.

O Cebi se reconhece como um grupo de educação popular, sendo esta uma de suas áreas de atuação³⁷ que objetivam devolver a Palavra a quem foi silenciado. Ao longo dos seus quase quarenta anos de existência, o Cebi sempre refletiu sobre esta relação entre Leitura Popular da Bíblia e Educação Popular, sendo objeto de uma linha de publicação específica³⁸.

O livreto “Bíblia e Educação Popular: encontros de solidariedade e diálogo”, que relata e reflete os resultados da XVII Assembleia Nacional do Cebi, guarda a significativa fala de Ana Maria Tomaz, do Cebi Goiás:

A Educação Popular pode acontecer sem estar vinculada à Leitura Popular da Bíblia, uma vez que qualquer grupo, de qualquer categoria que seja, pode fazer Educação Popular. Porém, para as pessoas cristãs que fazem a Leitura Popular da Bíblia, deve haver íntima relação com a Educação Popular. É bom lembrarmos, entretanto, que nem todos os textos bíblicos respondem às necessidades de hoje e nem sempre as pessoas conhecem o contexto do mundo bíblico (SCHINELO – ORG., 2005, p. 26).

³⁶Disponível em: <<http://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt06-educa%C3%A7%C3%A3o-popular>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

³⁷Conferir no site oficial da entidade <https://www.cebi.org.br/areas-de-atuacao/>. Acesso em: 17 jun. 2018.

³⁸ Disponível em <https://www.cebi.org.br/categoria-produto/tematicas/educacao-popular/>. Acesso em: 17 jun. 2018.

O Cebi não tem a pretensão de reivindicar a paternidade ou a exclusividade da Educação Popular, mas defende que o uso da Bíblia em grupos populares é tão válido como qualquer outro e tem sua contribuição a dar.

A leitura libertadora e a desmistificação da Bíblia é um importante instrumento de amadurecimento e crescimento das comunidades cristãs, combatendo a leitura fundamentalista que buscava o apoio da autoridade “divina” nela contida para justificar a dominação e o preconceito. Nancy Cardoso e Carlos Mesters falam exatamente disso numa das publicações do Cebi sobre Leitura Popular da Bíblia:

Identificadas as doutrinas e estruturas, a Bíblia perdia sua vinculação com a vida concreta do povo e servia para erguer discursos sobre Deus, justificadores das relações injustas de trabalho e poder; servia para construir discursos legitimadores de preconceitos, massacres de minorias; servia para construir discursos proselitistas e separatistas entre experiências diferentes de Deus; servia para construir discursos espiritualistas e dualistas que negavam a materialidade da vida humana e relegavam as experiências do corpo aos espaços de pecado e vergonha (PEREIRA; MESTERS, 1993, p. 14).

A mudança de mentalidade e a abertura da mente são citadas por diversos participantes do Círculo de Cultura como elemento fundamental no seu contato com o Cebi e sua proposta de aproximação da “Palavra de Deus”. Para alguns, a mudança do olhar começa com um choque e implica uma luta contínua contra uma concepção mágica e fundamentalista anterior, muito semelhante à referida por Nancy Cardoso e Carlos Mesters. Vejamos o que fala Maria Antônia:

Então, pessoal, o que eu posso dizer? O que me encantou com o CEBI quando eu comecei a fazer, né? Foi logo na briga com meu eu, né? Minhas concepções de entendimento de Bíblia, foi uma... Uma... Deu muito trabalho. E ainda hoje... Né? Eu até hoje... Ainda hoje tenho alguns sofrimentos de aceitar algumas concepções, do contexto da história. Porque eu conheci a Bíblia em termos só de... Uma leitura assim... Que previa [...]. E o CEBI me ajudou a ler a Bíblia contextualizando a história, isso foi uma experiência enorme, né? Quando eu vou ler a Bíblia é com todo o cuidado pra refletir e considerar os aspectos sociais, históricos, de tudo que aconteceu naquela época que os fatos tavam sendo narrados. E a Bíblia tornou-se pra mim uma... Diria... Uma história do povo, não só... Digamos assim... Só a Palavra de Deus em si: “Faça isso, é assim, assim”. Não, mas dentro de um contexto histórico, né? Que isso, é... Se tornou mais fascinante ainda: conhecer a história do povo dessa forma reflexiva.

O caminho do descobrimento do novo é árduo, mas fascinante. Uma vez iniciado, deflagra um processo que, para evoluir, depende do comprometimento da pessoa. Sérgio destaca como a participação na escola marcou a sua juventude com a abertura da mente e novos aprendizados:

O CEBI na minha vida foi... É... O CEBI me abriu muito a mente. Na época eu tinha, acho que 16/17 anos, e tinha acabado de terminar o ensino médio e foi através da Escola Bíblica... Eu digo muito isso aos jovens, quando eu tenho oportunidade, de: “Gente faça a Escola Bíblica, foi a Escola Bíblica que me ensinou bastante”. Hoje agradeço muito ao CEBI, a essas professoras, que foram minhas professoras também na escola, né? No ensino médio. Aí tem Côrrinha, tem Jória, tem... Emirene foi minha professora também e agradeço muito a elas por... Por eu ter vivido aquele momento em 2004/2005 e hoje o Sérgio, que é hoje na minha comunidade, aqui no meu município, devo muito ao CEBI por ter aberto assim a minha mente. Ter, hoje a gente já... No que vai caminhando, a gente vai se aprofundando, vai sabendo realmente interpretar um pouco a Bíblia, partilhar um pouco com as pessoas o que a gente aprendeu, então, devo muito ao CEBI esse momento que hoje eu tô colhendo, né?

Ser na comunidade. Sérgio tem consciência de como o coletivo é essencial para a formação do ser humano. Ele contempla na reflexão anteriormente transcrita os passos necessários para essa inserção transformadora: aprofundar o que aprendeu, interpretar a Bíblia e partilhar. Partilhando a Bíblia, partilha também a vida.

Outra pessoa que despertou para a participação mais atuante na sua comunidade religiosa e um compromisso social a partir da escola bíblica foi Nerian. Ela mesma o diz:

O CEBI, pra mim, como já falaram, foi uma transformação. Mas, realmente, na minha vida, foi uma grande transformação porque até então antes de eu vir pra Escola Bíblica, é... Eu era bem afastada da Igreja. E, assim... Desde que eu comecei a estudar na... No CEBI, né? Graças a Deus, eu tento me engajar, né? Em tudo que eu posso e, assim, em tudo que eu, assim... Vejo que dá pra mim participar. Hoje a gente... Hoje eu também já faço parte do grupo dos vicentinos, que realiza um trabalho social na nossa cidade, né? Graças a Deus! É, o Conselho Tutelar também. É uma função beeem árdua também.

Se para Sérgio e para Nerian o Cebi foi uma revelação, para Cornélio foi uma confirmação. Vamos atentar para mais um trecho de sua fala:

E eu já senti essa necessidade ali em 99/2000, dessa leitura encarnada, dessa leitura inculturada, é uma leitura militante e hoje o contexto histórico, contexto político e econômico pede ainda mais que se aprofunde. Aumenta, por outro lado, os fundamentalismos. E eu acho que o CEBI se torna cada dia mais importante e essencial. E Severiano Melo é, eu acredito, que uma... Teve o privilégio de ser realmente uma... Uma... Não diria uma ilha, mas é um jardim, não é? O CEBI não para de gerar novas flores, novas rosas, para tentar conceder, dar um rosto pra Igreja que se pareça mais com o rosto que Jesus pensou, que Jesus sonhou.

Eu acho que a gente tem, de fato, um conhecimento já dentro de nós mesmos e precisamos que alguém aponte que esse conhecimento, ele precisa realmente ser explorado. Ele precisa ser valorizado. Eu tinha muita imaginação a respeito da Bíblia. Mas, também pela convivência com outras pessoas, pela vivência de comunidade, mesmo sem aprofundá-la, mas imaginava que a Palavra de

Deus tinha esse direcionamento, como Emirene reforçava: o amor dela pelos profetas que despertou e alimentou uma militância dela. E antes de conhecer a Bíblia eu já imaginava, de fato, esse Deus libertador, um Deus, mais do que providente, um Deus persistente. Um Deus que não se cala e o CEBI ajudou a... Como se diz?! A amadurecer essa imagem e confirmar exatamente de ter esse lado “de lado”, de qual é o lado que esse Deus prefere e que é exatamente o lado dos marginalizados, dos excluídos, e sempre a opção pelos pobres, que a liturgia tanto fala, mas que, na verdade, se encontra na Bíblia. Então quando eu comecei a Teologia, a Teologia tem um monte de matéria, mas eu já fui com uma paixão pela Bíblia, porque aprendi a cultivar essa paixão e a amadurecê-la exatamente no CEBI.

Diante dos fundamentalismos, a leitura militante é essencial. É preciso proclamar em cima dos telhados que Deus escolhe o pobre e o oprimido não como objeto de cuidado, mas como sujeito de sua própria libertação. A paixão é fundamental para manter acesa a chama da solidariedade e da esperança de transformação. Pois a Educação Popular que perde de vista o aspecto político da atuação junto ao povo não pode ser tida como tal.

Escolher um lado tem como consequência ser questionado e cobrado por quem se acomoda. Nem sempre as atitudes têm sucesso ou são compreendidas. O depoimento de Teresa é revelador.

Como Josaine falou, as turbulências sociais é... Que estão fora da Igreja, não estão fora da Igreja. Elas estão dentro da Igreja. E quem nos faz permanecer ser Igreja é a Palavra de Deus e a eucaristia. A compreensão disso, né? Às vezes fracassamos, às vezes somos apedrejados, devido a nossa ação com a Palavra de Deus, né?

As turbulências sociais não estão fora da Igreja, pois a Igreja (as Igrejas) não está no céu, mas na terra. Então é impossível manter a neutralidade. Carlos Mesters entende que a Leitura Bíblica nunca é neutra.

A Bíblia ou ajuda ou atrapalha; ou liberta ou oprime. Não é neutra. É como uma faca de dois gumes; corta sempre, para o bem ou para o mal. Ela exerce uma forma de julgamento, “penetra até a divisão da alma e do espírito, revela as articulações dos pensamentos e desejos mais íntimos” (cf Hb 4,12). Ela revela a qualidade de luz que está dentro de nós (MESTERS, 1984, p. 88).

O ato de ler e interpretar textos bíblicos é uma prática ética/política. Em se tratando de um texto considerado sagrado, a interpretação passa pelo campo da autoridade. Autoridade para selecionar o texto a ser lido, autoridade para definir os significados e autoridade para definir o lugar da revelação.

Por isso o Cebi faz questão de explicitar a sua posição diante dos problemas da realidade, especialmente na conjuntura de retrocesso e perda de direitos que vivemos. Josiane, que

participou do Cebi Severiano Melo e depois se integrou ao Cebi de Recife-PE, fala como esse posicionamento ocorreu em Recife:

Porque você quebra paradigmas que há muito tempo foram construídos na sua vida, acreditar que determinados dogmas não é verdadeiros, entender que nesse processo de... De... Nesse processo de construção política, fé e política que nós estamos aí, é importante a posição do CEBI diante desse processo de golpe, né? Que se encontra aí, e se colocar firme nessa estrutura política porque quem diz sim a vida não pode dizer sim a um golpe, né? É importante. Porque nós do CEBI de Pernambuco... (interrompida por palmas). Nós de Recife (porque eu faço parte do CEBI metropolitano, da região metropolitana de lá), nós se posicionamos e fizemos uma carta, né? Dizendo que nós não apoiávamos esse golpe. Porque o CEBI se posiciona a nível nacional contra esse golpe, que é um golpe desumano, que diz não à vida, diz não aos direitos sociais, tão importantes pra a preservação de conquistas da vida, né? Em todos os sentidos. Brigada. Obrigada, pela... Por fazer parte do CEBI.

Por assumir posicionamentos polêmicos, tais como a leitura de gênero e a defesa da Igreja da Libertação, o Cebi Nacional sofre perseguições e ataques dos novos fundamentalistas. Estes não argumentam e nem apresentam motivos válidos para sua oposição, apelam para o discurso do ódio e para o argumento da autoridade. Invocam posicionamentos do magistério que já foram ultrapassados há muito tempo. Existem lideranças que fomentam essas atitudes e meios de comunicação que apoiam a virulência dos ataques.

Mas a religião libertadora sobrevive a duras penas. Se teve um apoio até mesmo econômico nos anos de Lula e Dilma, hoje são perseguidas. Mas resistem e têm sementes plantadas no sertão do Rio Grande do Norte e, de modo particular, na pequena e brava cidade de Severiano Melo.

A relação entre o Cebi e a cidade de Severiano Melo se revela principalmente no fortalecimento da unidade da população católica abrangida pela paróquia, na divulgação da metodologia e da prática da Leitura Popular da Bíblia e no despertar de lideranças para a prática pastoral ou social na Igreja e na comunidade.

Vinte anos, muitos motivos para louvar e agradecer.

A nossa colega de mestrado Erenice, que coordenou o Círculo de Cultura, não conhecia o Cebi. Ao final do encontro, ela reconheceu espontaneamente isso e ficou “encantada”.

Dentro desses nossos estudos, dessa brincadeira, é algo novo que tá me encantando. Trazer a leitura da Bíblia, né? Para trabalhar as questões sociais, para essa transformação que existe em cada um que faz parte do CEBI, para fazer esse movimento de pensar a comunidade, a sua cidade, pensar o que está acontecendo ao seu redor, no mundo e fazer esse elo. Isso é algo novo pra mim (ERENICE).

Vinte anos também é o tempo favorável para avaliar e crescer.

Há limites e falhas na experiência do grupo? Com certeza. Trata-se de uma experiência humana.

A Leitura Popular foi plantada para o sertão e ainda precisa fortalecer suas raízes e sua fidelidade ao primeiro amor.

Sofre com a pouca abertura para o ecumenismo. As denominações cristãs presentes em nossa região são predominantemente de tradição pentecostal e isso dificulta o diálogo. Os dois lados se armam e apelam para o proselitismo e a apologética. Nesses vinte anos, apenas uma pessoa de outra religião participou das Escolas Bíblicas de Severiano Melo³⁹.

Também se sente falta de uma presença mais atuante do Cebi Severiano Melo junto à comunidade local. Diversas pessoas do Cebi estão engajadas e são protagonistas de partidos, sindicatos e conselhos paritários, mas a entidade em si não tem um rosto e uma atividade comum. Realiza as escolas e algumas ações isoladas, mas não tem personalidade e posicionamentos próprios, como, por exemplo, o Cebi de Recife.

Os animadores formados nas escolas bíblicas não são estimulados a criar e realizar círculos bíblicos ou grupos de estudo bíblicos em suas comunidades. Envolvem-se em muitas atividades religiosas de cunho pastoral ou devocional e usam a destreza adquirida no manuseio e interpretação da Bíblia para prestar outros serviços.

No decorrer da pesquisa, além dos momentos em que as conversas foram gravadas, participei de celebrações e etapas de escola bíblica em andamento lá em Severiano Melo. Num dos encontros que participei em Severiano Melo, percebi que havia um participante que tinha um choque com a reflexão sobre o aspecto político da fé diante de um convite feito para participar de uma caminhada que denunciava a perda de direito dos trabalhadores e de apoio à greve geral, convocada pelas centrais sindicais e movimentos populares para o dia 28 de abril de 2017.

Perguntei “às meninas” sobre ele e se elas percebiam outras reações na mesma linha. Jória comenta: “Ave Maria! Eu via que havia um certo choque com os conteúdos que se passam porque o CEBI tem uma linha de interpretação bíblica bem conscientizadora.”

Transcrevo o trecho da conversa e a referência a essa pessoa que denominaremos João:

EMIRENE - Quando você falava de João, mas é porque ali Zélia, veja assim, aquele choque que aconteceu, eu do movimento do sindicato, recentemente a gente já tinha tido lutas pesadas lá em Severiano Melo, greves, de caminhada

³⁹ Como se pode ver nas avaliações e relatórios anexos a esta dissertação.

de rua, de tudo, e assim é pra muitos lá, acham que essa caminhada que essa luta que a gente faz é contra o prefeito e ele é muito do sistema do prefeito, aí na hora que bateu que eu falei, que eu fui fazer a ligação foi como um choque pra ele.

ANDREIA - Agora ele tava na caminhada que você motivou pra gente participar.

EMIRENE - Foi depois, depois que teve a caminhada ele foi.

Depois que teve a caminhada ele foi. Lembro prontamente da parábola dos dois irmãos no evangelho de Mateus: “Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse: ‘Filho, vai trabalhar hoje na vinha’. Ele respondeu: ‘Não quero’; mas, depois, reconsiderando a sua atitude, foi. Dirigindo-se ao segundo, disse a mesma coisa. Este respondeu: ‘Eu irei, senhor’; mas não foi. Qual dos dois realizou a vontade do pai?” Responderam-lhe: “O primeiro”.

Às vezes, quem fica calado ou concorda por educação não tem a coragem de expor sua inquietação. Questionar é uma forma de se importar. Acolher a pergunta com respeito e alimentar o diálogo pode render frutos.

É certo que “as meninas” não podem fazer tudo sozinhas. A paixão pelo Cebi e pela Leitura Popular da Bíblia são vividas em meio a diversas experiências e compromissos familiares, profissionais, pastorais e pessoais.

O Cebi transformou a vida e a forma de atuação de muitas pessoas. A transformação contínua e o crescimento são necessários para continuar caminhando. É como andar de bicicleta. Quando se para de pedalar, vem a queda. Os desafios dos novos tempos e da realidade líquida e de relações virtuais, bem como o desencanto de muitos com os compromissos políticos, favorecem o individualismo até mesmo nas experiências religiosas. O consumismo seduz a todos nós.

Motivos para desanimar? Não, antes desafios para superar. Emergir do silêncio e da obediência cega para uma consciência crítica traz consigo responsabilidades, pois:

A conscientização não pode parar na etapa do desvelamento da realidade. A sua autenticidade se dá quando a prática de desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação (FREIRE, 1981, p. 117).

CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS: RAÍZES E ASAS

Chegamos ao desafio de fazer uma síntese parcial do que foi apresentado e discutido nesta pesquisa, destacando o novo que dela emerge, a partir das problematizações levantadas. É como olhar no retrovisor de um carro: enxergar o caminho por onde caminhamos e as etapas vencidas. Este olhar e a análise que dele brota não são neutros, pois percebemos o mundo a partir do lugar que estamos e das nossas vivências.

O nascimento do Centro de Estudos Bíblicos (Cebi) tem suas raízes na prática revolucionária e rebelde dos anos 60/70, ao lado da Teologia da Libertação, de experiências de educação popular, processos revolucionários e comunidades eclesiais de base. As motivações que levaram ao engajamento pela mudança são diversas, mas o desejo e a esperança de construir o novo eram comuns. A mística presente nesse processo permaneceu viva e floresceu anos depois num grupo sertanejo da cidade de Severiano Melo.

Vivemos em um país de forte tradição católica e que recebe grande influência do cristianismo pentecostal. O fundamentalismo religioso ameaça o estado laico e pretende impor seus dogmas e costumes como norma geral para a sociedade. Em várias cidades, inclusive em Mossoró, foram aprovadas leis defendidas por esses grupos que objetivam cercear a liberdade do educador e até mesmo proibi-lo de discutir certos assuntos em sala de aula, como a questão de gênero.

Na contramão dessa tendência, o Cebi se dispõe a fazer uma leitura libertadora das tradições religiosas que desenvolva o espírito crítico, a tolerância e o respeito à laicidade do Estado. Essas são as raízes e este enunciado traduz o ideal, mas nos perguntamos sobre o real.

A metodologia que norteou a pesquisa exige o questionamento e a atenção ao que está escondido por trás das palavras. Permanecer na superfície e se satisfazer com as respostas prontas impede a aparição do “inérito viável”.

Na perspectiva desta pesquisa, o inérito viável deve ser compreendido como caminhos, propostas e mudanças realizáveis; o caminho de um objetivo maior a ser alcançado. Mesmo quando o objetivo pareça uma utopia, pequenas conquistas nos tornam mais próximos dele e devem ser celebradas. É uma possibilidade concreta de superação, mesmo que parcial, dos aspectos opressores percebidos no processo de conhecimento que parte da análise crítica da realidade.

Problematizar a realidade leva a questionar a sua própria prática, especialmente quando a pesquisadora também faz parte do grupo estudado, embora tenha uma atuação mais próxima

noutra cidade. Cada situação-limite e possibilidade de superação encontrada no fenômeno estudado aponta para uma oportunidade de crescimento pessoal.

No Cebi de Severiano Melo, a paixão pela proposta da Leitura Popular da Bíblia (LPB) foi o estopim para o surgimento do grupo. As atividades realizadas ao longo de vinte anos e os laços de amizade e de pertença construídos sustentaram a fidelidade ao primeiro amor: o encantamento com a proposta da Leitura Popular da Bíblia e a alegria e a urgência de partilhar essa boa nova. O instrumento escolhido para a inserção da experiência do Cebi na comunidade de Severiano Melo foi a realização das chamadas Escolas Populares.

Tanto as jovens que iniciaram a experiência, como outros que ingressaram na caminhada, destacam a importância da leitura praticada no Cebi para a “abertura de sua mente”. De fato, ao partir da realidade vivida e do confronto com o texto bíblico e as relações presentes na comunidade, descobrem-se novos sentidos na Palavra que antes só era ouvida e depois apropriada como sua, podendo levar a uma mudança de vida e orientar na tomada de decisões.

Também há destaque para a metodologia usada que contempla a escuta e a valorização da fala de cada um e o uso de instrumentos para facilitar a conversa e o mergulho no texto, como leituras individuais, exposições de conteúdo, trabalhos em grupos, encenações, debates e aprofundamentos. O objetivo não é plantar certezas, mas despertar curiosidade, inquietações e perguntas. Ser capaz de buscar faz parte da incompletude do ser, pois a pessoa está em constante crescimento e transformação.

Pelos relatos, verifico também que, embora não se identifiquem com o grupo do Cebi e nem se integrem a ele de forma mais íntima, diversas pessoas ouvidas relatam que participar da escola bíblica não foi apenas uma passagem, mas um ponto de partida para começar a se descobrir e assumir responsabilidades nas atividades pastorais, sociais e políticas da cidade ou de outro local para onde se mudaram.

Na implantação e realização dessas escolas populares, percebemos a presença de características próprias da Educação Popular. Primeiro, a autonomia do grupo, que decide e faz, sem pedir permissão ou consultar autoridades religiosas ou civis. A dialogicidade no planejamento e realização dos encontros. A valorização da palavra do outro. A criatividade e o despertar da consciência crítica. A utilização de espaços alternativos. Tudo contribuindo para a humanização das pessoas e o fortalecimento das suas relações.

Os limites também estão bem presentes, como a ausência do ecumenismo e o fato do grupo que se identifica como parte integrante do Cebi ser muito restrito. Além das quatro jovens que estão presentes desde a gênese, apenas umas três outras pessoas se encontram contempladas

no grupo. É comum nas falas dos participantes do Círculo de Cultura a referência ao Cebi e se incluir nele. Dizem coisas como: “fiz a escola bíblica” e “passar pelo Cebi”, ao ponto de identificar o Cebi apenas com a Escola Bíblica. Nas comunidades e cidades que integram a paróquia católica de Severiano Melo, não houve o surgimento de novas células do Cebi. Quando há necessidade de estudos ou assessoria de um tema específico na área bíblica, chamam “as meninas” de Severiano Melo.

A experiência é de resistência, pois quando se iniciou, em 1998, já não estávamos no auge da experiência da chamada Igreja na base. Pelo contrário, já estavam começando as punições e perseguições ao investimento numa atividade pastoral mais voltada para as massas, o devocional que desestimulava a participação do integrante da comunidade que voltava lentamente a ser mais um na assembleia. Por exemplo, a punição e redução de Leonardo Boff a um silêncio obsequioso é de 1984.

As “raízes” citadas no título significam que tanto a Teologia da Libertação como a Educação Popular e a Leitura Popular da Bíblia continuam vivas, contribuindo para a nova configuração latino-americana: o empoderamento de movimentos sociais populares. Se há um certo desencanto com os chamados “governos populares” que a Igreja na base ajudou a construir, existem diversas conquistas na melhoria de vida e de consciência das pessoas.

As utopias que consideravam possível a libertação do oprimido e a destruição do sistema opressor hoje perderam espaço para uma visão mais de emancipação entendida como empoderamento de pequenos grupos que reivindicam o respeito a temas e direitos específicos como negritude, juventudes e teologia *queer*.

Mesmo no contexto adverso, “as meninas” resistem e vão incorporando novas realidades e temas as suas atividades, chegando a incluir um encontro na escola para estudar a presença das mulheres na Bíblia e a promover estudos sobre a Leitura de gênero. As “asas” indicam que há muito por fazer e que precisamos, portanto, alçar voos cada vez mais altos, nos despindo de preconceitos e da tentação de repetir o passado para ser capazes de encarar e enfrentar novos desafios. Se não temos o vigor da juventude, temos a experiência da maturidade.

No mundo de relações virtuais e em que se busca mais o entretenimento e a distração do que a reflexão, a conversa olho no olho e os debates podem ainda levar à mudança ou, pelo menos, despertar suspeitas e inquietudes em quem participa do processo.

O conhecimento bíblico é uma ferramenta para alcançar o fim almejado ao ler a Bíblia em grupo, a saber, iluminar a realidade no sentido de buscar justiça e dignidade comunitária.

Essa iluminação nos estimula a continuar no caminho de transformação, não somente em nível de grupo e igreja, mas também em nível da sociedade da qual somos parte.

O fenômeno estudado é muito rico e abre margem para outros estudos, provocações e aprendizados. Mas até aqui o objetivo geral proposto foi parcialmente alcançado.

As falas e documentos examinados e problematizados são suficientes para revelar o deslumbramento e admiração com que as meninas de Severiano Melo acolheram a forma como a Leitura Popular da Bíblia olha a história revelada e a realidade, e como a metodologia que questiona as certezas foram essenciais para assumir o compromisso de refazer a experiência em seu próprio chão.

Ao querer partilhar com outros e outras a boniteza da experiência, “as meninas” ingressaram num processo de transformação pessoal que influenciou nas suas escolhas de vida e de profissão e também fortaleceram os laços de amizade.

A influência na comunidade foi percebida parcialmente pelas falas de quem participou de alguma atividade realizada pelo Cebi. Para ter uma visão mais abrangente, teríamos de ouvir a palavra e a percepção de quem está “fora”, mas isso não pôde ser realizado no estreito tempo reservado para a pesquisa do mestrado.

Além de explicitar a íntima relação entre as experiências de trabalho com o povo surgidas nos anos 60/70, este estudo revela como a intuição original pode permanecer viva e estimular as pessoas a mudar e a continuar caminhando e se comprometendo. Precisamos mudar todos os dias para permanecer fiéis a nós mesmos.

Olhar para o Cebi de Severiano Melo me permitiu também perceber a necessidade de incorporar às minhas práticas de assessoria o cuidado, o estudo, a manutenção das amizades e o desejo de aprender sempre mais. Minhas práticas, não; as práticas coletivas, pois a Leitura Popular da Bíblia é sempre um processo coletivo.

Johan Konings chama atenção para o aspecto pedagógico presente na Leitura Popular da Bíblia e faz um questionamento e uma proposta ligados ao tema: “Como fazer com que o povo seja realmente sujeito de sua leitura, e não massa de manobra, de manipulação? Está na hora de retomar as intuições que a este respeito foram formuladas em nível global por Paulo Freire e aplicados à Bíblia por Carlos Mesters e outros.”⁴⁰

⁴⁰ Persp. Teol. 27 (1995) 27-35 - LER A BÍBLIA COM O POVO E COMO POVO - Johan Konings. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/viewFile/1173/1580>> . Acesso em: 17 jun. 2018.

As ideias de Paulo Freire e Carlos Mesters ainda hoje influenciam pessoas e processos. Pode-se perceber muitas semelhanças entre eles e as ideias que defendem. Pode até ser tema de uma pesquisa... Quero apenas destacar a capacidade de renovar a nossa esperança por acreditar que as pessoas movem o mundo e podem mudá-lo. As relações opressivas não são uma sina ou uma ordem divina, mas construções humanas. Toda mudança começa pela mudança da mentalidade que a educação pode desencadear.

Quem abre os olhos se torna responsável por aquele que não vê. Como a Leitura Popular da Bíblia é uma experiência religiosa, embora não esteja ligada a uma confissão específica, pode querer abrir mão do diálogo, da escuta e da paciência histórica para apelar para o proselitismo e o argumento da autoridade ou a propaganda proselitista que quer “ganhar” as pessoas e defender suas verdades. Se assim agimos, traímos os fundamentos mesmo da LPB e da EP.

A prática da Leitura Popular da Bíblia é um verdadeiro processo de educação popular que parte de uma pedagogia libertadora e transformadora. Uma leitura bíblica a partir do popular seria o caminho para fazer de nossas comunidades espaços de crescimento em que o grupo deve realizar a tarefa de desvelamento da sua realidade e dos textos bíblicos.

Educar é entrar num processo de ruptura que questione todas as dependências e proclame que é possível superá-las. É Paulo Freire que mais uma vez nos fala:

Uma das coisas mais significativas de que nos tornamos capazes mulheres e homens ao longo da história que, feita por nós nos faz e refaz, é a possibilidade que temos de reinventar o mundo e não apenas de repeti-lo ou reproduzi-lo (...) É exatamente porque somos condicionados e não determinados que somos seres de decisão e de ruptura. E a responsabilidade se tornou uma exigência fundamental da liberdade. Se fôssemos determinados, não importa porquê, pela raça, pela cultura, pelo gênero, não tínhamos como fala rem liberdade, decisão, ética, responsabilidade. Não seríamos educáveis, mas adestráveis. Somos ou nos tornamos educáveis porque, ao lado da constatação de experiências negadoras da liberdade, verificamos também possível a luta pela liberdade e pela autonomia contra a opressão e o arbítrio (FREIRE, 2000, p. 121).

O ser humano existe no mundo e sofre influência dele, mas não é subjogado por ele. Pelo contrário, pode mudá-lo. Isso é verdade tanto em relação aos fenômenos naturais como também aos sociais. A capacidade de mudança é acordada na pessoa pelos processos educativos, compreendidos em sentido amplo como experiências que levem o indivíduo a se defrontar com a realidade de forma crítica e a questioná-la. Pensar com sua própria cabeça, dizer a sua palavra e agir conforme a sua decisão.

Construir utopia, como as gestadas nos rebeldes anos sessenta, não é um exercício de sonhos, mas um atributo de profunda humanidade. O humano tem um quê de divino justamente por não se contentar com o visível e o palpável, mas buscar o significado que transcende toda a realidade.

Liberdade, decisão, ética e responsabilidade não são apenas palavras de ordem. Trata-se de comportamentos e atitudes cotidianas que podem e devem ser despertadas nas pessoas para substituir o fatalismo e o conformismo. O Cebi se propõe a isso, e se dispõe a caminhar e a aprender com outros “sonhadores” e “lutadores” dispostos a abraçar esta causa, fiéis as nossas raízes e fortalecendo nossas “asas”.

REFERÊNCIAS

- BALDUÍNO, Andreola A. e Ribeiro, Maria Bueno. **Andarilho da Esperança**: Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas. São Paulo, Aste, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- Brandão, Carlos Rodrigues. **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora / Carlos Rodrigues Brandão e Raiane Assumpção. – São Paulo: Editora e Livraria. Instituto Paulo Freire – (Educação Popular), 2009.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Os cristãos e a libertação dos oprimidos**. Lisboa. Edições Base, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP. 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 42ª reimpressão, São Paulo: Paz e Terra -(Coleção Leitura), 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 8. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- GADOTTI, Moacir. (Org.) **Paulo Freire, uma biobibliografia**. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- MESTERS, Carlos. **Flor Sem Defesa**: uma explicação da Bíblia a partir do povo. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.
- MESTERS, Carlos. **Por trás das palavras**: Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1977.
- MESTERS, Carlos. **O uso da Bíblia nas comunidades cristãs de base**. In: TORRES, Sérgio (Org.). **A Igreja que surge da base: eclesiologia das comunidades cristãs de base**. São Paulo: Paulinas, 1982.
- NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do. **Círculo de ação-reflexão-ação**: uma possibilidade para a prática pedagógica da formação problematizadora de professores. 212f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.
- FREIRE Paulo e Ira shor. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. 2. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1986.

PAIVA, Vanilda Pereira, 2015. **Educação popular e educação de adultos**. 7. ed. São Paulo: Loyola.

POLETTO, Ivo (Org.). **Solidário Mestre da Vida** - Celebrando 90 anos de Dom Tomas Balduino. Edições Paulinas. São Paulo, 2012.

SALES Ivandro da Costa. **Educação Popular**: uma perspectiva, um modo de atuar. In SCOCUGLIA, Afonso Celso e MELO NETO, José Francisco (Orgs.). Educação Popular: outros caminhos. Editora Universitária/UFPB, 1999.

SCOCUGLIA, Afonso C. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: UFPB, 1999.

SILVA, Antônio Fernando Gouvêa. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular** / (Org.) Ana Inês Souza. – Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

STRECK, Danilo R. e ESTEBAN Maria Teresa (Org.). **Educação Popular**: Lugar de Construção Coletiva. Editora Vozes. Petrópolis, 2013.

VÁRIOS AUTORES. **Educação Popular na América Latina** – desafios e perspectivas. UNESCO, MEC, CEAAL, Brasília, 2005.

WEFFORT, Francisco, C. **Educação e Política** - Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade. In: FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Fascículos da coleção A Palavra na Vida (PNV), publicada pelo Centro de Estudos Bíblicos.

PNV 67/68 (1993) – **O Espírito e a Palavra** – Luiz Carlos Araújo.

PNV 71/72 (1993) – **A caminho de Emaús**: leitura bíblica e educação popular – Carlos Artur Dreher.

PNV 73 (1993) – **A Leitura Popular da Bíblia**: à procura da moeda perdida – Nancy Cardoso Pereira e Carlos Mesters.

PNV 213/214 (2005) – **Bíblia e Educação Popular**: encontros de solidariedade e diálogo – Edmilson Schinelo (Org.).

PNV 222 (2006) – **O caminho por onde caminhamos**: reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia – Carlos Mesters e Francisco Orofino.

PNV 237 (2007) – **Metodologia de aprendizagem bíblica**: avaliando as instâncias de formação do Cebi – Luiz Carlos Araújo.

PNV 245 (2008) – **Utopia: Sementes e Caminhos** – A leitura da Bíblia a partir da realidade – Luiz José Dietrich e Teá Frigerio.

PNV 344 (2016) – **Leitura Popular da Bíblia**: Caminhos e Orientações – João Jairo Oliveira de Carvalho.

ANEXOS

ANEXO I – POEMA COMEMORATIVO

ESCOLA BÍBLICA DE SEVERIANO MELO (20 ANOS)

O movimento CEBI
Em nível nacional
Começou em 79
Tendo apoio total
Da igreja que celebra
E em torno dela congrega
De maneira oficial

Aqui na igreja local
Teve início em 96
Com formação de agentes
Dando maior solidez
E esse aprendizado
Deu-se em Dix Sept Rosado
Para maior lucidez

Foi só esperar a vez
Para a turma começar
Em julho de 97
Começou a funcionar
Mesmo sem ter estrutura
Foi assim a abertura
Dessa Escola popular

Quando foi pra começar
Eram 16 postulantes
Todos muito engajados
Num trabalho interessante
Porém na reta final
Somente coloram grau
11 dos iniciantes

Numa luta incessante
A escola foi progredindo
Muitos foram se formando
E novas turmas surgindo
Temos cinco terminadas
Uma pra ser começada
A qualquer hora vem vindo

Tudo isso é advindo
Na grande maioria
De um povo que procura
Resgatar a dignidade
Registrando pra história
Mantendo viva a memória
De sua religiosidade

Tamanha generosidade
Das meninas que compõem
Esse quadro de docentes
E ao mesmo tempo dispõem
De uma dedicação sem igual
Nessa área pastoral
Naquilo que se propõem

Dessa forma se expõe
Um trabalho salutar
Onde uma nova consciência
Começou a se formar
E a cada nova edição
Aumenta a participação
De gente para estudar

Desejo aqui registrar
Com grande satisfação
Que estive na segunda escola
E foi boa a participação
Ainda hoje sou grato
Pois contribuiu de fato
Para a minha formação

Os Padres davam atenção
Acompanhando de perto
As irmãs sempre presentes
Buscando um povo liberto
E nós bem assessorados
Num trabalho engajados
Traçando o caminho certo

Era às vezes descoberto
Alguns grandes e bons valores
Lembro de Padre Cornélio
Que surgiu nos bastidores

Hoje bem conceituado
E bastante conectado
Com todos seus seguidores

Somos admiradores
De seu grande conhecimento
De suas belas homilias
E reconhecido talento
Ontem, conosco estudou
Hoje, renomado pastor
Com todo merecimento

Pro nosso contentamento
Bons frutos foram colhidos
Aqui mesmo nessa Escola
Todos eles escolhidos
E por toda região
Temos muitos em missão
Em pastorais envolvidos

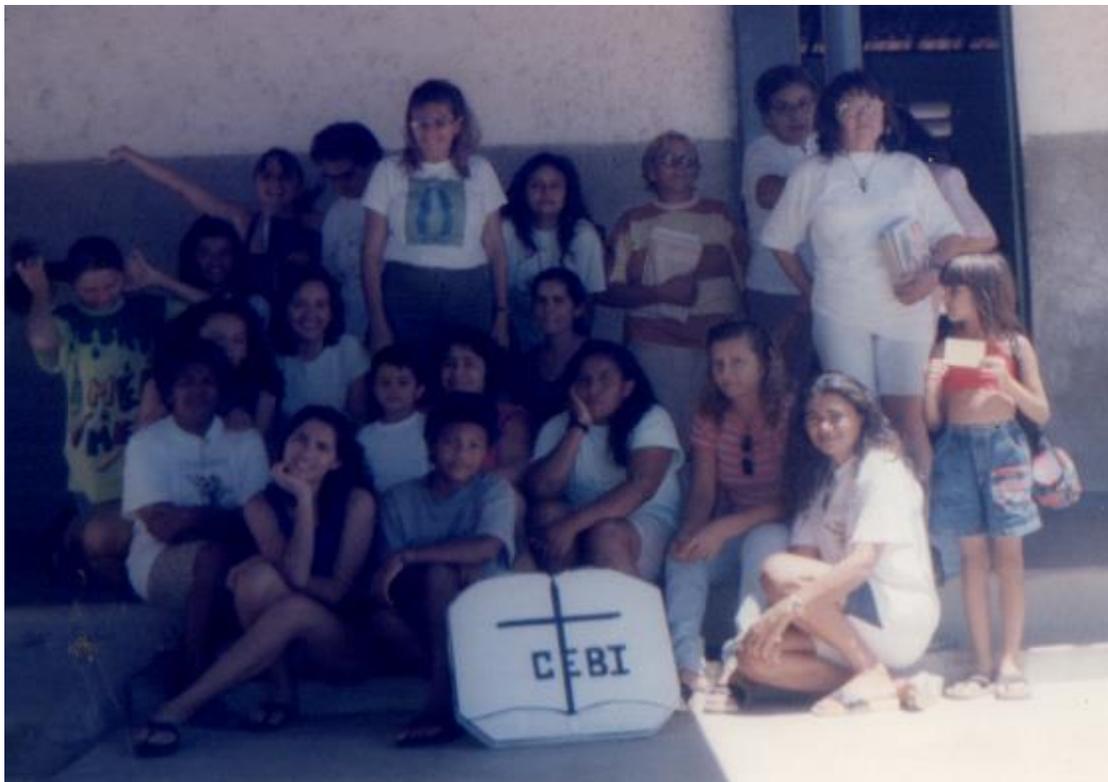
Somos muito agradecidos
Não só a Severiano
Mas a área da paróquia
Que elabora seus planos
Com bastante consistência
Servindo de referência
Durante todos esses anos

A todos paroquianos
O nosso muito obrigado
Por tudo já alcançado
Em nosso cotidiano
Espero que o ser humano
Cresça sempre na oração
Transforme a vida em ação
Que somente o bem se faça
E que Nossa Senhora das Graças
Traga sua intercessão.

Mossoró, 23/09/2017
Henrique Tadeu Praxedes Dantas

ANEXO II – FOTOS DAS ATIVIDADES REALIZADAS PELO GRUPO

I TURMA DOS ESTUDOS BÍBLICOS -1998



II TURMA DOS ESTUDOS BÍBLICOS -2000



III TURMA DOS ESTUDOS BÍBLICOS -2005



IV TURMA DOS ESTUDOS BÍBLICOS -2010



V TURMA DOS ESTUDOS BÍBLICOS -2014



ANEXO III – TERMOS DE CONSENTIMENTO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA, AUTORIZANDO O USO DE SUAS FALAS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Andréia Barbra Menezes
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Damiana de Holanda Alves Feitosa
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

(*) Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Francisca Emikene de Luena Araújo
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Francisco Cornelio Greine Rodrigues
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Francisco Sérgio de Oliveira Silva
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEUDUC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Jeniani Alves de Moraes

Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Zélia Cristina de Oliveira Moraes
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Luizitor Milicianor de Albuquerque Melo

Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

() Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Maria Antonia Alves Ribeiro
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Maria do Socorro Holanda
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Neivion Gomes Regis Botista
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Nitza Mario de Souza Campos
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018

Teresa Cristina de Oliveira Moraes e Freitas
Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Por meio deste termo declaro que aceito participar da pesquisa “CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS (CEBI) EM SEVERIANO MELO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR” da pesquisadora Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do curso de mestrado em Educação (Poseduc) da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio Grande do Norte, pesquisa orientada pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do nascimento.

Para tanto, autorizo a transcrição e a citação das minhas declarações prestadas no Círculo de Cultura realizado no Salão Paroquial da cidade de Severiano Melo, no dia 17 de junho de 2017 ou em outras entrevistas individuais e/ou grupais concedidas a pesquisadora.

Autorizo/ () Não autorizo que meu nome seja divulgado nos resultados da pesquisa e na dissertação de mestrado dela decorrente, comprometendo-se a pesquisadora a utilizar as informações que prestei somente para os propósitos da pesquisa.

Severiano Melo/RN, de Agosto de 2018


Nome Legível/Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:59.633-010
Caixa Postal 70 - Mossoró – RN / Telefones: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314.3452

REQUERIMENTO PARA A DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Eu, Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, aluna do Mestrado em Educação da UERN, Linha de Pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, em acordo com a orientadora, Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do Nascimento, venho requerer providências para minha Defesa de Dissertação, intitulada “Centro de Estudos Bíblicos (Cebi) em Severiano Melo: Uma Experiência de Educação Popular” para ser realizada no dia 27 de agosto de 2018, às 08:00 horas, com local a ser definido pela Coordenação do Programa, cuja banca examinadora será assim constituída:

DOCENTE	IES	CPF	Email
Orientador/a: Hostina Maria Ferreira do Nascimento	Uern - FE		hostinanascimento@hotmail.com.br
Co-Orientador/a:			
Membro 1: Sílvia Maria Costa Barbosa	Uern - FE		silviacostab@yahoo.com.br
Membro 2: Ady Canário de Souza Estevão	Ufersa - Ledoc	792.475.394-04	adycanario@ufersa.edu.br
Suplente 1: Elza Helena da Silva Costa Barbosa	Uern - FE		elzahelena@uern.br
Suplente 2: Maria Aparecida da Silva Fernandes	IFRN	852.880.804-10	aparecida.fernandes13@yahoo.com.br

Observação: Sendo professor/a do POSEDUC não há necessidade de preenchimento do campo CPF.

Mossoró-RN, ____ de _____ de _____.

Assinatura do/a Aluno/a

Assinatura do/a Orientador/a